

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**FAMÍLIAS DE CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NA
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONDIÇÕES DE RISCO E
PROCESSOS DE RESILIÊNCIA**

PRISCILA FREITAS CHAVES

Rio Grande – RS

2011

PRISCILA FREITAS CHAVES

**FAMÍLIAS DE CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NA
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONDIÇÕES DE RISCO E
PROCESSOS DE RESILIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Mattar Yunes

Rio Grande

2011

PRISCILA FREITAS CHAVES

**FAMÍLIAS DE CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS
URBANOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL: CONDIÇÕES DE RISCO E PROCESSOS
DE RESILIÊNCIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Dr^a. Maria Ângela Mattar Yunes

(Orientadora - FURG)

Dr^a. Simone dos Santos Paludo

(PPGEA/FURG)

Dr^a. Clarissa De Antoni

(UFCSPA)

C512f Chaves, Priscila Freitas

Famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos na perspectiva da educação ambiental : condições de risco e processo de resiliência / Priscila Freitas Chaves ; orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Mattar Yunes. - Rio Grande : FURG, 2011.
100 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande -Mestrado em Educação Ambiental.

1.Educação ambiental. 2. Resíduos sólidos. 3 Família de catadores.
4. Resiliência familiar. I. Yunes, Maria Ângela Mattar. II. Título.

CDU: 504:37

Ofereço este trabalho ao meu amor Leandro pelo apoio e compreensão, aos meus familiares pelos valores cultivados e educação, e às famílias de catadoras participantes deste estudo por me receberem em suas residências com muito carinho e amizade.

Vou dizer-te o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS primeiramente, por ter iluminado o meu caminho ao longo dessa pesquisa com muita força, coragem e determinação, e por ter colocado no meu percurso as famílias de catadoras de resíduos sólidos urbanos participantes desta investigação, as quais me trouxeram a oportunidade de conhecer suas histórias de vida, demonstrando muito amor, carinho e esperança junto aos seus grupos familiares.

Obrigada especialmente a minha querida orientadora Maria Ângela Mattar Yunes, pelo incansável apoio e pela dedicação, pelas palavras de carinho e de amizade, que em muitos momentos renovaram o meu ser e me fizeram acreditar em meu potencial, resgatando a esperança em meu coração. Enfim, por ter contribuído na minha constituição como educadora ambiental, a partir da construção de um olhar sistêmico e positivo da vida em sua complexidade e diversidade.

Agradeço a pessoas que marcaram minha trajetória acadêmica e conquistaram minha admiração e amizade, como os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, em especial a Professora Simone Paludo, por enriquecer a minha alma de esperança, através de seu olhar positivo sobre o ser humano, demonstrando muito carinho e amor pelas populações que vivenciam situações de risco; a Professora Clarissa De Antoni por ter me dado a honra de aceitar o convite de estar em minha banca, sendo de importância fundamental na construção deste trabalho, por suas provocações inteligentes e gentis, que me levaram a muitas reflexões e contribuíram para o enriquecimento desse estudo.

Obrigada a equipe de pesquisa do grupo CEP-RUA da FURG pelo apoio e pela união dedicados, em especial a Sheila, a Adriana; e a Narjara, que esteve sempre me apoiando, contribuindo na minha formação como Educadora Ambiental, na expectativa de um mundo mais fraterno e solidário. Obrigada ao CNPq pelo financiamento da bolsa de Mestrado.

Gostaria de agradecer aos meus pais e avós pelo amor incondicional, cuidado e proteção; aos meus sogros, pela amizade e apoio; aos meus familiares pelo carinho; e ao meu amado Leandro por acreditar em mim e suportar a saudade. Agradeço também as minhas amigas: Michele, Aline, Narjara, Carol e Mari Helen, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos. Em especial ao meu querido amigo e companheiro fiel, Simba.

Enfim, obrigada a todos que fazem parte da minha vida.

RESUMO

No Brasil há um grande contingente de pessoas desempregadas o que fortalece o mercado do trabalho informal. Muitas famílias fazem da coleta de resíduos sólidos e posterior comercialização a principal fonte de sobrevivência financeira. Entretanto, as precárias condições que envolvem esta atividade podem resultar em risco e exclusão social para estes grupos familiares. Diante disso, a presente pesquisa teve por objetivo investigar os possíveis riscos e indicadores de proteção que podem resultar em processos de resiliência familiar de pessoas que vivem sob estas condições. Foram entrevistadas três famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos do município de Rio Grande/RS, Brasil. A metodologia que orientou este estudo foi a “Inserção Ecológica”, associada a outros procedimentos como: a observação naturalística, o diário de campo e a entrevista semi-estruturada, que foi utilizada a partir dos princípios básicos da *Entrevista reflexiva*. Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas seguindo a *grounded-theory*. Torna-se importante destacar que as três famílias participantes deste estudo são lideradas por mulheres. A partir dos relatos das entrevistadas e da inserção no ambiente natural das famílias se pode constatar processos de resiliência, pois diante das situações de crise, os grupos familiares buscam diferentes estratégias para superá-las. Os resultados evidenciam o papel de proteção de alguns contextos ecológicos, como da família ampliada, dos vizinhos, dos amigos, da escola, dos serviços de saúde e social, e das comunidades religiosas. Essa trama social se constitui em um indicador de fundamental importância na promoção do desenvolvimento destes grupos familiares. Os relatos demonstram que as dificuldades das líderes das famílias entrevistadas de inserção no mercado de trabalho, estão relacionadas a fatores como a baixa escolaridade, condição social (falta de oportunidades e de apoio), e limitações na disponibilidade de tempo. Esta limitação se institui devido aos vários papéis que são atribuídos às responsáveis por estes contextos familiares, como o cuidado e proteção dos membros que integram o grupo familiar, a realização das tarefas domésticas e a busca pelo sustento da família, o que sobrecarrega a figura feminina. Diante de tais responsabilidades, essas mulheres encontraram nas características da profissão de catadora uma alternativa para conseguir garantir sua sobrevivência junto ao grupo familiar, pois conseguem trabalhar para obter o sustento e cuidar de suas famílias. Em duas das famílias estudadas, as crianças acompanham e ajudam as responsáveis na realização do trabalho. Além disso, elas denotam consciência das relações de exploração relacionadas ao processo de reciclagem. E apesar dos riscos pessoais e sociais da profissão, as mulheres percebem positivamente sua trajetória pessoal. Esta investigação demonstra a necessidade de formulação de novas políticas públicas que possibilitem uma melhor qualidade de vida para essas trabalhadoras informais; de promoção de ações para o fortalecimento dos participantes da pesquisa na busca pelo exercício da cidadania; e da conscientização dos problemas socioambientais. Nesta perspectiva, a Educação Ambiental é um campo de conhecimentos que pode subsidiar políticas públicas que valorizem os direitos e auxiliem a promover qualidade de vida digna para estas populações.

Palavras chave: famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos; educação ambiental; resiliência familiar.

ABSTRACT

There is a large number of unemployed people in Brazil which strengthens the informal labor market. Many families make the solid waste collection and subsequent commercialization as the main source of their financial survival. However, the poor conditions surrounding this activity can result in risk and social exclusion for these family groups. Thus, the present study aimed to investigate the possible risks factors and protection indicators that can result in processes of family resilience of people living under these conditions. We interviewed three families of collectors of solid waste in the city of Rio Grande / RS, Brazil. The methodology that guided this study was the "Ecological Engagement" associated with other procedures such as naturalistic observation, field diary and semi-structured interview, which was used from the basic principles of reflexive interview. After collecting data, interviews were transcribed and analyzed following the grounded-theory. It is important to emphasize that the three families who took part of this study were headed by women. From the reports of the respondents and the observation of families in their natural environment it can be seen that in the face of the crisis situations, the family groups seek different strategies to overcome them. The results highlighted the protective role of some ecological contexts, such as extended family, neighbors, friends, school, health services and social and religious communities. This social tissue constitutes an indicator of fundamental importance in promoting the development of these family groups. The reports showed that the difficulties of the leaders of the interviewed families for inclusion in the labor market are related to factors such as poor education, social status (lack of opportunities and support), and limitations on the availability of time. This limitation is due to the various roles that are assigned to account for these family contexts, such as care and protection of members of the family group, the household chores and the pursuit of household, which increases the load of the female figure's tasks. Given these responsibilities, these women found in the characteristics of the profession of collectors, an alternative to be able to guarantee the family group survival, a way to make a living and time to take care of their families. In two of the families, children accompany and assist the mothers responsible in carrying out the work. Moreover, they denote awareness of exploitative relationships related to the recycling process. And despite the personal and social risks of the profession, women perceive a positive personal background. This research demonstrates the need to formulate new public policies that allow a better quality of life for these informal workers, promoting actions for the empowerment of the participants in finding the exercise of citizenship and awareness of social environmental problems. In this perspective, Environmental Education is a field of knowledge that can support public policies that enhance the rights and help to promote decent quality of life for these populations.

Keywords: families of collectors of solid waste, environmental education; family resilience.

SUMÁRIO

MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	13
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS.....	19
1.1 RESILIÊNCIA: UMA VISÃO POSITIVA DAS RELAÇÕES.....	19
1.1.1 <i>Resiliência</i> significados culturais e atribuições.....	19
1.1.2 Origem dos estudos sobre <i>Resiliência</i> nas Ciências Humanas.....	21
1.1.3 Um olhar positivo sobre as relações: importante instrumento de valorização da vida.....	22
1.1.4 Do risco à proteção: compreendendo resiliência.....	24
1.1.5 <i>Resiliência Familiar</i> como processo promotor de desenvolvimento humano.....	26
1.2 OS (AS) CATADORES (AS) DE RESÍDUOS SÓLIDOS E A LUTA PELA INCLUSÃO SOCIAL E PELA CIDADANIA.....	29
1.2.1 Programa Lixo & Cidadania: a contribuição socioambiental.....	29
1.2.2 Catadores (as) de resíduos sólidos e a sua história de luta no cenário nacional.....	32
1.2.3 O panorama político da questão dos resíduos sólidos no Brasil.....	34
1.3 O TRABALHO DE CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	35

1.3.1 Famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos e a problemática socioambiental.....	38
1.4 OS CONTEXTOS ECOLÓGICOS COMO PROMOTORES DE DESENVOLVIMENTO NAS FAMÍLIAS.....	41
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	44
2.1 INSERÇÃO ECOLÓGICA E A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO NO AMBIENTE FAMILIAR.....	44
2.1.1 A Pessoa.....	45
2.1.2 O Processo.....	50
2.1.3 O Contexto.....	50
2.1.4 O Tempo.....	53
2.1.5 O desafio da inserção das pesquisadoras na comunidade.....	53
2.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	54
2.2.1 Observação naturalística.....	54
2.2.2 Diário de campo.....	55
2.2.3 A <i>Entrevista Semi-estruturada</i> como contribuição na coleta de dados.....	55
2.2.4 Considerações éticas.....	56
2.3 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS	56
CAPÍTULO III - RESULTADOS.....	60
3 COMPREENDENDO A REALIDADE DAS FAMÍLIAS DE CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS.....	60

3.1 AS FAMÍLIAS DE CATADORES SOB A PERSPECTIVA DA RESILIÊNCIA FAMILIAR.....	62
3.1.1 A dinâmica nos contextos familiares e sua contribuição no enfrentamento das adversidades.....	62
3.1.2 A interação dos contextos ecológicos como rede funcional para o desenvolvimento e fortalecimento das famílias.....	64
3.1.3 A construção de uma visão positiva da vida: uma luz diante da crise.....	69
3.2 A REALIDADE DA PROFISSÃO DE CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS SOB A ÓPTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	73
3.2.1 Um “Olhar Ecológico” sobre o trabalho de catador de resíduos sólidos.....	73
3.2.2 Percepções das famílias participantes sobre a realização da atividade de catador.....	75
3.2.3 A visão positiva sobre a profissão de catador de resíduos sólidos urbanos na perspectiva da Educação Ambiental.....	77
3.2.4 Reflexões sobre a importância da metodologia Inserção Ecológica nos estudos em Educação Ambiental.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
ANEXOS.....	95

MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Desde o Ensino Médio, meu comprometimento com a questão sócio educativa começou a se manifestar na escolha pelo Magistério. A partir deste momento percebi a importância do meu papel nos contextos sociais onde me inseria e interagia. Buscava sobretudo, atuar com responsabilidade e carinho nos diferentes espaços escolares. Acredito que o Magistério trouxe grande contribuição, pois tive disciplinas como filosofia, sociologia e psicologia, que me tornaram crítica e me trouxeram um olhar contextualizado da realidade vivenciada. Um dos professores que todo o ano era responsável por uma dessas disciplinas, sempre trazia um jornal chamado “Mundo Jovem”, que influenciava culturalmente uma quantidade considerável de estudantes, pois trazia temas atuais como sexualidade, psicologia, educação, ciência, política, sociologia, filosofia, literatura e meio ambiente. Esse professor tinha como proposta de atividade a realização de debates, e tínhamos a oportunidade de expressar nosso pensamento a partir da reflexão e construir um olhar interdisciplinar das problemáticas socioambientais. Assim, o principal instrumento de mudança era a educação exercida.

Após o término do Magistério, surgiu um questionamento decisivo em minha vida profissional, pois assim como sempre admirei a profissão de educadora, também manifestava um encantamento pela área biológica. Devido a esta indecisão, no primeiro momento pensei em cursar Oceanologia, porém percebi que essa escolha profissional me tornaria pesquisadora, com menores chances de exercer a função de educadora. Dessa forma, resolvi optar pelo curso Ciências Biológicas/ Licenciatura e Bacharelado, no qual fui aprovada pela FURG (Universidade Federal do Rio Grande). Assim consegui dar continuidade às duas profissões que sempre estimei. Durante meu percurso acadêmico busquei estar em contato com as duas áreas com as quais sempre me identifiquei: a das ciências humanas e a das ciências biológicas.

No segundo ano da graduação comecei a trabalhar no Departamento de Ciências Morfo-Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande/FURG, na área da Botânica, onde realizei atividades por um ano e meio. Porém, percebi que este trabalho era muito restrito à área biológica e sentia falta de realizar uma atividade que trouxesse um retorno à sociedade, com mudanças significativas na vida das pessoas, e as influenciasse de maneira positiva.

Assim sendo, no terceiro ano da universidade, fui convidada a participar do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua da FURG/ CEP-RUA, onde fui contemplada com uma bolsa de iniciação científica pela FAPERGS para trabalhar em um

projeto de mestrado em Educação Ambiental intitulado “Um estudo sobre famílias de pescadores artesanais do Município de Rio Grande/RS: Possibilidades de resiliência em situações de vulnerabilidade socioambiental”, sob a orientação da professora Maria Ângela Mattar Yunes. Durante o período da pesquisa, buscamos conhecer a história de vida das famílias de pescadores e suas possibilidades de superação das adversidades diante das situações de vulnerabilidade socioambiental. Trabalhei neste grupo aproximadamente dois anos da graduação, pois no último ano tive que me dedicar somente à área biológica, para que pudesse conquistar o título de bióloga.

No quarto ano da universidade, ingressei na Unidade de Pesquisa em Cianobactérias/UPC, na qual estagiei no convênio existente entre a FURG e a REFAP (Refinaria Alberto Pasqualini), atuando com a identificação e quantificação de algas tóxicas presentes na água coletada em diferentes lagos da refinaria. Nesta mesma Unidade fui bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq. A partir destes projetos pude perceber as dimensões da interferência das ações humanas no ambiente e o quanto os valores culturais transmitidos influenciam as relações socioambientais.

A necessidade de interagir mais próxima das pessoas para compreender suas necessidades e motivações me fez retornar ao trabalho de pesquisa e intervenção no CEP-RUA, após me formar Bacharel e Licenciada pela FURG. Desde então, estou participando como colaboradora no “Programa de Educação Familiar” um projeto de pesquisa – intervenção em Educação Ambiental coordenado pela doutoranda Narjara Mendes Garcia. Durante um dos encontros (que estão sendo realizados em diversos bairros do município de Rio Grande/ RS) dialogamos com uma mãe que tem como fonte de renda o trabalho de catadora de resíduos sólidos urbanos. Ela afirma ser a única responsável por sua família e vive em situação de pobreza. Além disso, é portadora de doença grave. Ao mesmo tempo, ela revela que se preocupa com os seus filhos, que muitas vezes a ajudam na atividade. O diálogo com esta mãe evidencia a falta de apoio da família ampliada e de serviços sociais, como creches e pré-escolas, que pudessem cuidar das crianças enquanto ela trabalha. O fato dos filhos acompanharem as mães na realização da profissão de catadora foi o que nos instigou a realizarmos essa investigação, pois ficou a preocupação com essas famílias que tinham que levar as crianças e adolescentes para realizar a atividade na rua, devido à falta de apoio. Outro acontecimento que chamou a atenção foi à visita a uma recicladora. Nesta ocasião, outra problemática também foi levantada por uma catadora de resíduos sólidos urbanos. Conforme o relato desta senhora, há alguns anos atrás existiam muitas indústrias pesqueiras e têxteis, que empregavam muitas pessoas em nosso município, pois para trabalhar nesses locais não

precisava ter uma alta qualificação. Com o passar do tempo, essas fábricas foram fechando, um grande número de pessoas que trabalhavam nesses locais ficaram desempregadas, sem ter outras possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal. Dentro dessa perspectiva social e histórica, temos que atualmente em nossa cidade estão se inserindo ainda mais empresas no grande pólo naval. Porém essas já trazem muitas pessoas de fora que já estão com o seu emprego garantido. Isso leva a um crescimento populacional, existindo um aumento no número de desempregados e conseqüentemente de trabalhadores informais. Dessa forma, muitos buscam na profissão de catador de resíduos sólidos urbanos o sustento para as suas famílias. Essa discussão levantada pela catadora sobre a problemática socioambiental existente em nosso município reflete uma grande questão na área da Educação Ambiental, pois a realidade de muitos catadores de resíduos sólidos urbanos é conseqüência de um sistema alicerçado numa sociedade injusta, onde as relações de poder se estabelecem e trazem muitas desigualdades sociais e riscos ao desenvolvimento saudável de indivíduos e suas famílias.

Diante dessas considerações, acredito que minha participação nos diferentes projetos influenciou de maneira significativa minhas novas escolhas, pois neste momento, estou buscando compreender como a rede de relações existente entre os diferentes contextos sociais pode contribuir para o desenvolvimento das pessoas. Assim sendo, o grupo CEP-RUA/FURG colaborou muito com a minha formação, por valorizar a importância de trabalhar em conjunto, de estarmos unidos para que consigamos transformar a realidade, tendo na educação a base para as mudanças lutando para que exista um elo entre a universidade e a comunidade. Neste grupo de pesquisa utilizamos como fundamentação de nossos trabalhos, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner (1979/1996), a qual me levou a perceber os diferentes contextos sociais como ambientes ecológicos, onde as interações podem promover o desenvolvimento saudável do ser humano ao longo do tempo. Entretanto, a ausência ou a desconexão nestas inter-relações pode levar muitas populações a situações de risco pessoal e social.

A partir das pesquisas que realizei com populações em situação de risco, compreendo a Educação Ambiental como transformadora da realidade socioambiental, em busca de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária. Isto me incentivou a participar do processo de seleção do programa de pós-graduação em Educação Ambiental. Diante disso, escolhi a linha de pesquisa da Educação Ambiental não formal, para continuar os estudos sobre famílias investigando as de catadores de resíduos sólidos urbanos, a partir de um olhar sistêmico, ecológico e positivo das interações.

INTRODUÇÃO

A ecologia significa um novo paradigma, quer dizer uma nova forma de organizar o conjunto de relações dos seres humanos entre si, com a natureza e com o seu sentido neste universo. Não fomos criados para estar sobre a natureza como quem domina, mas para estarmos juntos com ela como quem convive como irmãos e irmãs.

Leonardo Boff

Ao longo de processos sociais e históricos, a espécie humana vem estabelecendo uma relação de dominação sobre a natureza, buscando decidir o futuro, administrando a terra como sua propriedade, esquecendo que na sua condição humana e origem, depende dos indivíduos de sua espécie, dos outros seres vivos e do ambiente para a sua sobrevivência. Diante desta falta de compreensão do mundo em sua diversidade e complexidade, se faz necessário uma reflexão sobre a realidade socioambiental existente. Essa turbulência expressa à emergência de uma transformação social, política e cultural, pois sabemos que à margem da sociedade existem pessoas em situação de vulnerabilidade social que assim como o ambiente estão sendo fragilizadas pelas relações de poder existentes. Em meio à problemática atual, muitas se encontram há muito tempo desempregadas, com dificuldades de se inserirem no mercado de trabalho formal e buscam na comercialização de resíduos sólidos urbanos, um meio de sobreviver em família.

Historicamente no Brasil, o processo da reciclagem vem sendo sustentado pela atividade dos catadores informais, que trabalham nas ruas, nos domicílios, no comércio, nos aterros e nos lixões (JOIA, 2008). Entretanto, o capital investido na reciclagem busca diminuir os custos de produção. Neste sentido, as empresas visam a obter facilidades e privilégios, junto às diferentes instâncias do poder político, procurando verticalizar as condições de trabalho, visando obter o máximo de lucro, já que os direitos trabalhistas e os contratos formais tornariam a reciclagem inviável para as indústrias (GONÇALVES, 2006). Diante dessa triste realidade, muitas famílias de catadores encontram-se em condições de vulnerabilidade socioambiental, o que pode resultar muitas vezes em risco e exclusão social. Loureiro caracteriza o termo *vulnerabilidade socioambiental* como a situação de grupos específicos que se encontram:

“(1) em maior grau de dependência direta dos recursos naturais para produzir, trabalhar e melhorar as condições objetivas de vida; (2) excluídos do acesso aos bens públicos socialmente produzidos, e (3) ausentes de participação legítima em processos decisórios no que se refere à definição de políticas públicas que interferem na qualidade do ambiente em que se vive” (2003, p. 48).

Assim, se percebe que esta profissão pode tornar esses grupos vulneráveis, pois os mesmos sofrem com a falta de oportunidades e com a desvalorização do seu trabalho, sendo privados de direitos que lhes ofereçam a possibilidade de melhor qualidade de vida. Essas relações desiguais levam a um círculo economicamente vicioso na sociedade do capital, onde a distorção de valores humanistas, o individualismo, o consumismo desenfreado e a competição exacerbada, passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, gerando injustiça e desigualdade social. Estes aspectos trazem sérias conseqüências para a vida social, como a miséria, a violência e o desemprego. Conforme Yunes:

“O conceito de risco foi aumentando a sua amplitude, quando se passou a estudar também riscos psicossociais, como, por exemplo, qual a correlação entre conflitos familiares e o comportamento agressivo de uma criança, quando se reconheceu que privação econômica é uma das principais fontes de risco sociocultural para a criança e que pobreza e miséria são importantes fatores de risco universal (2001, p. 14).

A partir destas inquietações sobre a realidade socioambiental vivenciada por muitos catadores de resíduos sólidos urbanos e suas famílias, esse estudo tem como objetivo geral pesquisar os processos de resiliência nestes contextos familiares, tendo em vista as possíveis condições de risco deste tipo de trabalho. É importante ainda estar atento aos indicadores de proteção e às influências dos diferentes contextos ecológicos na promoção do desenvolvimento dessas famílias.

Os objetivos específicos desta proposta consistem em conhecer a realidade socioambiental vivenciada pelos catadores de resíduos sólidos urbanos através da percepção das famílias estudadas, tendo em vista as possíveis dificuldades enfrentadas por estes grupos familiares.

Essa investigação se justifica pelas seguintes necessidades e questões prioritárias: de identificar as situações de risco e proteção vivenciadas pelas famílias envolvidas; de formulação de novas políticas públicas que possibilitem uma melhor qualidade de vida a esses trabalhadores informais; de promover ações para o fortalecimento dos sujeitos da pesquisa na busca pelo exercício da cidadania (LOUREIRO, 2004); e de conscientização dos problemas socioambientais existentes em nossa sociedade. Propostas de intervenção poderão originar-se a partir dos dados obtidos.

Além disso, também se justifica pelo fato da própria profissão de catador, a priori, poder se constituir em risco, pois muitos desses trabalhadores informais podem sofrer diversos problemas de saúde devido às suas condições precárias de vida, decorrente de um

processo de reciclagem que os explora pagando muito pouco por sua mão-de-obra. De acordo com Gonçalves:

“No caso dos catadores de materiais recicláveis, que estão normalmente em contato contínuo e direto com o lixo, a exposição se dá através da inalação, do contato dérmico, contaminação via oral (principalmente de alimentos), além de existirem outros riscos como acidentes diversos (cortes, atropelamentos por caminhões e tratores) em função de estarem próximos a áreas violentas” (2004, p. 17).

De acordo com Cavalcante e Franco “outro bloco de possibilidades de risco à saúde e qualidade de vida desses catadores refere-se às questões psicossociais” (2007, p. 218), pois diante da problemática socioambiental vivenciada não lhes são dados direitos a exercerem sua cidadania com dignidade, se tornando mais uma forma de desigualdade e opressão, o que leva à exclusão social.

Entretanto, mesmo compreendendo que muitas dificuldades podem vir a ser vivenciada pelas famílias desses trabalhadores é importante conhecer quais as possibilidades de resiliência nesses contextos familiares, e compreender as interfaces entre os aspectos de risco e de proteção. Assim, buscar-se-á também compreender como os diferentes contextos ecológicos, e suas interações (ou desconexões), contribuem para a promoção do desenvolvimento humano, a partir da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner.

Embora tenha a visão de que a própria profissão destes trabalhadores se constitui em risco é importante pensar que este é um risco percebido e se faz necessário verificar se este constitui um risco real para essas pessoas, além de buscar compreender outras situações que também são pensadas e percebidas como risco, dentro destes contextos familiares. Conforme Luthar (2003) citado por Libório, Castro e Côelho:

“[...] o construto da resiliência implica um pressuposto a riscos significativos, devido à incerteza na mensuração do risco é difícil definir se, em determinado estudo, todos os indivíduos vistos como resilientes vivenciaram o mesmo nível de adversidade [...] ao estudar risco, deve-se ainda distinguir o risco estatístico do risco real e os aspectos subjetivos e objetivos do risco, pois esses pares muitas vezes não coincidem na verificação do fenômeno da resiliência, gerando resultados inconscientes na pesquisa (2006, p. 108)”.

Diante dessa proposta se faz necessário compreender o significado do termo resiliência, que será discutido nos próximos capítulos, a partir da contribuição de diferentes referenciais teóricos.

CAPÍTULO I

INTERLOCUÇÕES TEÓRICAS

No fundo do meu coração eu acredito que um dia vamos conseguir!

Martin Luther King, Jr.

1.1 RESILIÊNCIA: UMA VISÃO POSITIVA DAS RELAÇÕES

Neste capítulo será realizada uma discussão sobre a origem e os significados atribuídos ao termo resiliência, e suas contribuições em estudos relacionados a fenômenos humanos, como um importante instrumento de fortalecimento pessoal e relacional e de valorização da vida.

1.1.1 RESILIÊNCIA SIGNIFICADOS CULTURAIS E ATRIBUIÇÕES

Existe uma diversidade cultural de significados que são atribuídos ao termo resiliência, relacionando-o as diferentes áreas do conhecimento. Caso seja considerada a origem etimológica do latim *resiliens*, significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. Enquanto que pela origem inglesa, *resilient* remete a idéia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação (PINHEIRO, 2004).

Yunes (2001) exemplificou a diferença cultural nas prioridades de significados atribuídos à palavra resiliência nas línguas portuguesa e inglesa. Segundo essa autora, o dicionário Novo Aurélio Ferreira (1999), esclarece que na Física, resiliência é “a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica”; o mesmo aponta o termo em um sentido figurado como “resistência ao choque”. Enquanto que o dicionário da língua inglesa Longman Dictionary of Contemporary English (1995) oferece duas definições de resiliência, sendo a primeira: “habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldade etc.: resiliência de caráter”. A segunda definição presente no mesmo dicionário afirma que resiliência “é a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade”. Esse dicionário foi formulado por uma equipe interdisciplinar de pesquisa, com a proposta de auxiliar no inglês escrito (YUNES, 2001).

A partir de uma nova revisão dos referenciais bibliográficos utilizados por essa autora se percebe que a última edição do dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2009), traz a mesma definição do termo, enfatizando o significado atribuído na área da Física. Já o dicionário da língua inglesa Longman Dictionary of Contemporary English on-line (2009) traz duas novas compreensões sobre o termo resiliência afirmando primeiramente ser “a habilidade de tornar-se forte, feliz ou com sucesso após uma situação ou evento difícil”. Enquanto a segunda o define como a “habilidade de uma substância, como a borracha, retornar a sua forma original após ter sofrido pressão ou tensão”. Esse dicionário é uma versão on-line do CD-ROM do Longman Dictionary of Contemporary English, edição atualizada. Essas duas frases no sentido original em inglês correspondem respectivamente: “the ability to become strong, happy, or successful again after a difficult situation or event”; “the ability of a substance such as rubber to return to its original shape after it has been pressed or bent”.

Já o dicionário online de português (2009) traz três diferentes significados com relação ao construto: a física o define como a “propriedade de um material de recuperar a sua forma ou posição original após sofrer choque ou deformação; elasticidade”; enquanto que no sentido figurado é conceituado como “Poder de recuperação. Capacidade de superar, de recuperar de adversidades”. A área ecológica o define como “a capacidade de um ecossistema retornar à condição original de equilíbrio após suportar alterações ou perturbações ambientais”.

Como se pode perceber nos dicionários da língua portuguesa referenciados, não há clareza na definição do termo com relação às áreas das Ciências Humanas e Sociais, o que mostra que esse termo ainda se encontra em construção. Entretanto, por ter se originado na área das Ciências Exatas sua definição fica mais clara nessa área. Yunes e Szymanski (2001) contribuem com essa idéia quando afirmam que na língua portuguesa, a palavra resiliência vem sendo aplicada às áreas das Ciências Sociais e Humanas há poucos anos e no Brasil seu uso restringe-se ainda a um grupo limitado de profissionais de alguns círculos acadêmicos. Porém, os profissionais da área das Ciências Exatas mostram certa familiaridade com o termo quando esse se refere à resistência de materiais.

Já o dicionário online de português (2009) faz uma relação do conceito com a física; traz um sentido figurado que poderia ter familiaridade com a área das Ciências Humanas e faz uma relação com a área ecológica quando a conceitua como a recuperação do ambiente após sofrer perturbações que levam ao desequilíbrio dos ecossistemas.

O dicionário da língua inglesa Longman Dictionary of Contemporary online (2009) atualiza os conceitos nas duas áreas referenciadas com relação aos publicados em 1995, contemplando uma definição do termo na área da física e também na área das Ciências Humanas e Sociais, em especial, trazendo a visão da Psicologia Positiva, pois a define como a possibilidade do ser humano superar uma adversidade e a partir dela desenvolver novas potencialidades.

Embora o conceito de resiliência na psicologia não seja tão preciso quanto na física e engenharia, o estudo sobre esse processo na relação com os fenômenos humanos é relativamente recente e vem ganhando espaço em muitos centros acadêmicos, atraindo a atenção de muitos pesquisadores. Ao utilizar o termo “resiliência” em psicologia é preciso ter cautela, para não aplicá-lo de maneira equivocada, pois se faz necessário uma reflexão sobre o verdadeiro sentido do termo compreendendo-o como processo, valorizando a dimensão relacional e se opondo a substantivações do termo, dando sinais de alerta de se cair nas armadilhas ideológicas ou na sua utilização como instrumento de medida, a partir de quantificações, como se percebe em outros referenciais, que tentam classificar as pessoas como mais ou menos “resilientes” (YUNES, 2009). Diante de toda essa busca pelo significado do termo resiliência, se percebe a necessidade de compreendê-lo desde a sua origem, para não se cometer o equívoco de utilizá-lo de maneira errônea.

1.1.2 ORIGEM DOS ESTUDOS SOBRE RESILIÊNCIA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Sabe-se que a noção de resiliência tem suas origens na área da Física (POLETTO & KOLLER, 2008; YUNES, GARCIA & ALBUQUERQUE, 2007; YUNES & SZYMANSKI, 2001, entre outros).

Na Psicologia, esse fenômeno vem sendo pesquisado há aproximadamente trinta anos e por ser um conceito construído dentro de um modelo matemático, ao utilizá-lo se deve ter cautela para não incorrer em comparações indevidas (YUNES, 2001). Quanto à área da educação, a construção de conhecimento sobre este tema ainda é incipiente.

Conforme Yunes e Szymanski (2001), na Psicologia, os precursores do conceito de resiliência são os termos *invencibilidade* ou *invulnerabilidade*. Essa idéia é reiterada por diferentes autores internacionais que deram início à discussão sobre o tema. Deve-se destacar a pesquisa realizada pelas autoras Emily Werner e Ruth Smith, e colaboradores, que consistiu em um estudo longitudinal realizado em Kauai, uma ilha do Havai e durou cerca de quarenta anos, se iniciou em 1955 e teve como proposta inicial investigar os efeitos acumulativos da

pobreza, do estresse perinatal e dos “cuidados familiares deficientes” no desenvolvimento físico, social e emocional das crianças. Nessa investigação os pesquisadores acompanharam o nascimento de 698 crianças sendo avaliadas com 1 ano de idade (incluindo entrevista com os pais) e acompanhado até as idades de 2, 10, 18 e 32 anos. Na última etapa dessa pesquisa, Werner e Smith concluíram que um terço dos indivíduos considerados de alto risco tornaram-se adultos competentes capazes de amar, trabalhar, brincar/divertir-se e ter expectativas (1982, 1992). De acordo com Martineau (1999) a “resiliência” a qual as autoras se referem em seu estudo foi identificada nas pesquisas iniciais como “invulnerabilidade às adversidades”, denominação que foi reformulada e definida mais tarde como a “habilidade de superar as adversidades”.

Assim, diante da proposta deste estudo, se faz necessário compreender o termo resiliência, enquanto processo relacional e dinâmico, como um importante instrumento de fortalecimento humano e valorização da vida.

1.1.3 UM OLHAR POSITIVO SOBRE AS RELAÇÕES: IMPORTANTE INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA

Ao passarem por diferentes caminhos da vida, muitas pessoas se deparam com situações de angústia e sofrimento, que muitas vezes se constituem em risco, fatos que marcam suas trajetórias, pois muitas vezes deixam traumas na memória e, às vezes no corpo e na alma.

Embora existam pessoas que não conseguem superar as crises de maneira saudável, outras diante das adversidades encontram forças para lutar por dias melhores, crescem na dor e se fazem perseverantes na vida, pois sabem que para transformar a situação presente é necessário ter coragem e sabedoria, desenvolvidas a partir da (re) significação dos acontecimentos. Assim, “a resiliência envolve “lutar bem”: experimentar ao mesmo tempo sofrimento e coragem, enfrentar eficientemente as dificuldades, tanto no âmbito interno quanto interpessoal” (HIGGINS apud WALSH, 2005 – b, p. 6).

Algumas pessoas mesmo passando por situações de alto risco plantam esperança nos seus corações e vivem na busca por dias melhores acreditando na mudança e na possibilidade de um futuro pacífico e próspero. Segundo Walsh: “a esperança é ao espírito como o oxigênio aos pulmões: inocula energia e fortalece para se sobrepôr diante da adversidade” (2005- a, p. 9).

Na busca incessante por felicidade e sobrevivência, muitos indivíduos e grupos se transformam em guerreiros da vida fazendo do próximo combate um desafio ou uma nova possibilidade de vencerem seus medos, desenvolverem potencialidades e chegarem ao sonhado espaço de paz, serenidade, tranquilidade e especial de oportunidades, onde possam viver de maneira digna e igualitária. Em muitos casos precisam de “outros significativos” que as guiem. Esses muitas vezes fazem parte da própria família ou então da rede de apoio social trazendo novas alternativas diante da crise vivenciada, podendo dar-lhes força tanto espiritual quanto material, fazendo as inter-relações necessárias entre os diferentes contextos sociais, para que exista desenvolvimento saudável e melhor qualidade de vida para essas pessoas que se encontram em condições de vulnerabilidade socioambiental. Froma Walsh vem contribuir com esse pensamento quando afirma que “As redes sociais e de parentesco são salva-vidas fundamentais em tempos de crises: oferecem uma sustentação prática e emocional” (2005- a, p. 13).

Ao passar por turbulências muito fortes e conseguirem se reerguer, muitas pessoas repensam sua história de vida, pois cada momento temido e perigoso possibilitou seu crescimento pessoal e contribuiu para que mesmo depois de viverem tantas dificuldades pudessem perceber que precisam ser fortes e necessitam do apoio dos outros para que possam dar sentido aos próximos acontecimentos de suas vidas. Conforme Boris Cyrulnik em seu livro “Autobiografia de um Espantalho: Histórias de resiliência: o retorno à vida”:

“Com uma única vida, pode-se escrever mil autobiografias. Não é necessário mentir basta deslocar uma palavra, mudar um olhar para iluminar um outro aspecto da realidade enterrada. Variações em torno de um mesmo tema, a trama do relato se repete feito ladainha. A primeira estrofe se escreve na infância e tematiza nossa existência. As circunstâncias passadas constroem em nossa memória o sentido que atribuímos aos acontecimentos presentes [...] Não se trata de fazer o tempo voltar, basta utilizar alguns fragmentos de memória para compor uma representação de si e depois se pôr em cena para reencenar a mesma narrativa” (2009, p. 205 e 206).

A partir dessa reflexão, se torna possível pensar o conceito de resiliência, considerando-a como um conjunto de processos de vida que possibilitam ao ser humano enfrentar situações de sofrimento e angústia, o que leva a um conseqüente fortalecimento e à superação das adversidades (WALSH, 2005 - b; YUNES, 2009). Segundo WALSH: “é um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento em resposta à crise e ao desafio” (2005 –b, p. 4). Além dessa afirmação a autora também enfatiza que: “as qualidades da resiliência permitem às pessoas se curarem de feridas dolorosas, assumirem suas vidas e irem em frente para viver e amar plenamente” (2005 – b, p. 4). Para melhor pensar sobre essa

perspectiva se faz necessário compreender a inter-relação existente entre resiliência, risco, vulnerabilidade e fatores de proteção.

1. DO RISCO À PROTEÇÃO: COMPREENDENDO RESILIÊNCIA

Ao perceber a importância da resiliência como um construto que ultrapassa a possibilidade de quantificar as características individuais do ser humano, se pode compreendê-la como um conceito multifacetado, contextual e dinâmico (MASTEN, 2001). Dessa forma, os processos de resiliência requerem uma compreensão dinâmica e interacional entre as características individuais e a complexidade do contexto ecológico (POLETTO & KOLLER, 2008); e também da inter-relação existente entre os aspectos de risco e de proteção.

Diante das reflexões acima, se faz necessário conhecer o conceito de risco e suas implicações. O risco na perspectiva desenvolvimental está relacionado à sorte de eventos negativos de vida que, quando presentes no seu contexto aumentam a probabilidade do indivíduo apresentar problemas físicos, psicológicos e sociais (YUNES & SZYMANSKI, 2001). P. A. Cowan, P. C. Cowan e Schulz fazem uma relação entre resiliência e risco a partir da seguinte afirmação: “resiliência refere-se aos processos que operam na presença de risco para produzir conseqüências boas ou melhores do que aquelas obtidas na ausência de risco” (1996, p. 14). Entre as situações de risco que afetam o desenvolvimento de muitas crianças e adolescentes estão: as condições de pobreza, conflitos e rupturas na família, vivência de algum tipo de violência, experiência de doenças na própria pessoa ou na família e perdas de entes queridos, esses são alguns exemplos (PESCE *et al.*, 2004).

Junqueira e Deslandes (2003) questionam o foco tradicionalmente usado pela psicologia, cujos profissionais, sobretudo aqueles que trabalham com populações em situação de risco pessoal e social, relacionam os fatores de risco com o que vai “mal” na vida das pessoas, enfatizando o que os autores denominam de determinismo social e “fatalismo”. Esses reforçam a atitude de resgatar e fortalecer (*empowerment* – empoderamento) as dimensões sadias da pessoa, possibilitando a existência de luta e superação das situações de risco.

Yunes (2001) ressalta a importância de se realizar uma análise criteriosa dos *processos* ou *mecanismos* de risco, para que se possa ter a dimensão da diversidade de respostas que podem ser observadas, principalmente, quando se trata de riscos psicossociais ou riscos socioculturais. Além disso, segundo Rutter (1993) se faz necessário focar mecanismos de risco, pois o que se constitui risco numa determinada situação pode ser proteção em outra.

Para melhor compreender essas articulações P. A. Cowan, P. C. Cowan e Schluz (1996) ressaltam a importância da relação existente entre risco e vulnerabilidade: pois vulnerabilidade opera apenas quando o risco está presente; sem risco, vulnerabilidade não tem efeito. Para Rutter (1987) o termo vulnerabilidade se define como alterações aparentes no desenvolvimento físico e/ou psicológico de uma pessoa que vivenciou uma situação de risco. Essas alterações se tornam evidentes na trajetória de adaptação das pessoas, pois podem torná-las suscetíveis e propensas a apresentar sintomas e doenças.

A partir da discussão realizada, se percebe que em determinadas situações de sofrimento as pessoas podem se tornar vulneráveis. Porém, elas terão a possibilidade de superar essas situações de adversidades se existirem fatores de proteção, que as fortaleçam diante da crise e passem a operar para garantir e sustentar seu desenvolvimento (YUNES & SZYMANSKI, 2001). Segundo Rutter “fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação” (1985, p. 600). Assim, a característica essencial desses fatores é a modificação catalítica da resposta do indivíduo à situação de risco (RUTTER, 1987).

Masten e Garmezy (1985) a partir de seus estudos identificaram três classes de fatores de proteção citados como fundamentais ao desenvolvimento da criança: os atributos disposicionais da criança tais como: atividade, autonomia, orientação social positiva, auto-estima e similares; a coesão familiar, ausência de conflitos, de negligência, com a presença de pelo menos um adulto com grande interesse pela criança e; uma rede de apoio social bem definida com recursos individuais e institucionais bem definidos.

Conforme alerta Yunes e Szymanski “definir o que é ou não proteção parece muito complicado, pois as interações e combinações entre os efeitos do que é considerado risco ou proteção necessitam de uma cuidadosa análise contextualizada” (2001, p.41). Assim, se torna importante considerar as bases ambientais do conceito de resiliência como essenciais a compreensão das relações existente entre processos de risco e proteção.

Tendo em vista, a importância dos processos de resiliência no desenvolvimento do ser humano, fica o questionamento sobre quais as possibilidades que esses ocorram em famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos, sabendo que o risco a priori já faz parte da vida das pessoas, pois o sustento dessas famílias depende de um trabalho precário que traz condições de vida indignas e muitas vezes desumanas, levando a uma conseqüente exclusão social. Porém, se faz necessário investigar se existem fatores de proteção que podem contribuir para uma melhor qualidade de vida dessas famílias e para que essas consigam superar adversidades e se desenvolver de maneira saudável. É importante ressaltar que o risco a priori é o percebido

pelo pesquisador, sendo necessário compreender se para os membros desses contextos familiares, o trabalho de catador realmente se constitui em um risco e quais as outras situações que ocorrem nesses ambientes se constituem em risco para eles. Tendo em vista o foco e os objetivos desse estudo, se torna importante compreender o que atualmente existe na literatura sobre resiliência em famílias.

1.1.5 RESILIÊNCIA FAMILIAR COMO PROCESSO PROMOTOR DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ao falar em famílias se pensa rapidamente naquela instituída tradicionalmente no modelo: pai, mãe e irmãos. Porém atualmente, famílias se constituem de maneiras diversificadas e diferenciadas, e na reorganização de novas estruturas as mesmas continuam tendo o papel fundamental no cuidado, na proteção e também na participação dos processos educativos de todos os seus membros.

Em meio a tantas dificuldades que se estabelece em cada contexto familiar na sociedade vigente, se faz necessário à existência da união, do diálogo e do respeito recíproco entre os seus integrantes para que todos possam se desenvolver e vir a buscar novas possibilidades de enfrentamento diante das crises. Conforme Walsh “o conseqüente fortalecimento e a possibilidade de gerar recursos próprios permitem que as famílias e os indivíduos respondam de maneira positiva, exitosa, às crises e aos persistentes desafios, de modo que recuperem e cresçam a partir dessas experiências” (2005- a, p.1). Em contrapartida, existem casos nos quais se somam vários eventos negativos, tais como desemprego, pobreza, perda de um ente querido, problemas de saúde, violência, entre outros, o que muitas vezes passa a se constituir em condição de risco podendo trazer sérias conseqüências ao desenvolvimento do grupo familiar como um todo. Ao buscar esconder diferentes situações e omitir fatos que estão prejudicando sua vida e conseqüentemente seu ambiente familiar, muitos pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes, tornam-se agressivos e os filhos revoltados, ou vice-versa, por não saberem lidar com a situação, o que muitas vezes pode tornar essa família violenta, pois a falta de diálogo e de partilha dos acontecimentos da vida gera um desapego e em muitos casos leva ao autoritarismo exacerbado. Ao passar por emoções muito fortes e não poder compartilhar com seres amados, muitas pessoas aumentam o risco do abuso de substâncias e sintomas como a depressão, os comportamentos auto-destrutivos e os conflitos nas relações. Ao contrário acontece quando existem processos de

resiliência, vista desde as relações entre os pares e as famílias, podendo levá-los a compartilhar seus sentimentos e confortar uns aos outros (WALSH, 2005- b).

Entretanto, um novo desvelar da realidade se faz necessário, a partir de um olhar positivo das relações, pois entre tantas situações de risco que cercam as famílias da sociedade atual é preciso pensar nos fatores de proteção. Diante dessa problemática, um trabalho de fortalecimento, de orientação psicoeducacional e de atendimento às diferentes famílias que passam por situações de risco se faz urgentemente necessário. Assim sendo, a rede de apoio social tem importância fundamental na busca por uma melhor qualidade de vida no âmbito das famílias, pois as características positivas desses grupos precisam ser reforçadas, para que novas possibilidades de enfrentamento sejam pensadas a partir do desenvolvimento de potencialidades e reconstrução de valores como amor, fraternidade e afetividade que possam reconstituir os laços entre os membros do grupo familiar. De acordo com Paludo e Koller “cultivar significados e emoções positivas podem ser estratégias eficazes para promoção e construção de habilidades e atitudes saudáveis frente a circunstâncias negativas” (2006, p. 80). Enfim, propiciar condições que mesmo diante da vulnerabilidade socioambiental vivenciada as famílias possam buscar forças para lutar por dias melhores e por uma vida digna e saudável, em cooperação e apoio mútuo com profissionais da rede de apoio social. Segundo De Antoni, Barone e Koller:

“Os processos de resiliência familiar, que capacitam a família a enfrentar as adversidades, depende também do suporte emocional recebido externamente, da aprendizagem de novas e diferentes formas de interação e da valorização e atuação dos fatores de proteção que estão presentes [...] Portanto, para auxiliar efetivamente a família a melhorar a qualidade de vida são fundamentais ações da rede de apoio social e da rede de serviços e de políticas públicas voltadas para amenizar a pobreza e a violência” (2006, p. 169 e 170).

Dessa forma, existem possibilidades de resiliência através dos movimentos nos diferentes contextos familiares daqueles que vivem em situação de risco. A partir da teoria da Walsh (2005- b) os processos-chave da resiliência familiar podem ser classificados em sistemas de crenças, padrões de organização e processos de comunicação. Os sistemas de crenças familiares permitem à família enfrentar com otimismo suas dificuldades, extraindo sentido da crise. Já os padrões de organização estão relacionados à flexibilidade, à coesão e aos recursos sociais e econômicos. Neste caso, a coesão especificamente está relacionada ao apoio mútuo, à colaboração e ao compromisso, ao respeito às diferenças, às necessidades e aos limites individuais, à busca de reconciliação e união e ao desenvolvimento de liderança. Enquanto que os processos de comunicação são facilitadores das interações na medida em que

permitem a troca de informações, o desenvolvimento da empatia e a tomada de decisões compartilhadas (WALSH, 2005- b; YUNES, 2006).

Diante destas reflexões, se percebe a necessidade de tentar compreender a realidade das populações que vivenciam situações de risco, de maneira contextualizada, a partir de relações entre os diferentes espaços ambientais, que contribuem ao longo do tempo para o processo de superação de adversidades, trazendo conseqüências positivas ao desenvolvimento Humano. Conforme Poletto e Koller:

“[...] seja qual for o contexto (família, instituição ou escola), este pode se configurar como risco ou proteção. No entanto, isto dependerá da qualidade das relações e da presença de afetividade e reciprocidade que tais ambientes propiciarem. Quando houver conexões positivas [...] entre os contextos e/ ou dentro deles, certamente haverá a possibilidade de se acionarem processos de resiliência que favoreçam a melhoria da qualidade de vida, da saúde e a adaptação das pessoas e da sociedade” (2008, p. 10).

Assim, de acordo com a proposta desse estudo é preciso compreender a influência das relações existentes entre os diferentes espaços ambientais, enquanto contextos sociais na promoção do desenvolvimento humano em famílias.

1.2 OS (AS) CATADORES (AS) DE RESÍDUOS SÓLIDOS E A LUTA PELA INCLUSÃO SOCIAL E PELA CIDADANIA

Neste item será realizada uma revisão, a priori, sobre as conquistas e desafios enfrentados pelos catadores de resíduos sólidos, programas e leis, ou seja, contextos sociais que trazem novas possibilidades às famílias desses trabalhadores informais, no cenário nacional, contribuindo ou não para uma melhor qualidade de vida desses grupos.

1.2.1 PROGRAMA LIXO & CIDADANIA: A CONTRIBUIÇÃO SOCIOAMBIENTAL

No ano de 1998 foi criado o Fórum Nacional Lixo & Cidadania. Este se caracterizava pelo encontro de órgãos governamentais, organizações não-governamentais, entidades técnicas e religiosas que atuam em áreas relacionadas à gestão do lixo urbano e na área social, incluindo as entidades representativas dos catadores, totalizando mais de 50 entidades que se comprometeram com a implantação do Programa Nacional Lixo & Cidadania. Até os dias atuais, o fórum tem como papel favorecer a discussão e a indicação de soluções para os problemas, prevendo a articulação de uma rede de programas e projetos, já em desenvolvimento, e o direcionamento de novas ações para que se alcance o objetivo do programa e que possam contribuir e interferir nas políticas nacionais. Este é coordenado em nível nacional por representantes da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), da ONG Missão Criança, da Cáritas Brasileira, da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), da Caixa Econômica Federal, dos ministérios das cidades, do Meio Ambiente, do Desenvolvimento Social e do Ministério Público Federal (ABREU, 2001). O Fórum Nacional vem atuando nas seguintes frentes: mobilização nacional, através da sensibilização da sociedade, dos governos estaduais e municipais e ONGS, e do estímulo à implantação dos fóruns estaduais e municipais; apoio e divulgação de experiências bem sucedidas; capacitação dos responsáveis pelas ações de controle sócio-ambiental, dos agentes financeiros e das equipes responsáveis pela implantação dos projetos, além da capacitação profissional e formação para a cidadania dos catadores; pesquisa e levantamento de dados sobre os serviços de limpeza urbana no Brasil, abordando os aspectos sociais; atuação junto a órgãos governamentais e entidades não-governamentais para a inclusão das famílias e crianças que vivem no/do lixo, em programas de bolsa de renda como Bolsa família e PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil); e articulação com agentes financiadores para tornar a

aplicação dos recursos mais eficiente incorporando a visão integrada das ações e incentivar novas fontes de financiamento para o setor.

Em junho de 1999 foi lançado o Programa Nacional Lixo & Cidadania, junto à campanha “Criança no lixo, nunca mais” pelo Fórum Nacional Lixo & Cidadania, tendo como principal objetivo erradicar o trabalho infantil no lixo em todo o Brasil.

A criação do Programa foi iniciativa do UNICEF que desde 1994, se envolveu com a problemática do lixo, por um fato que comoveu o país:

“Várias crianças que trabalhavam no Lixão de Aguazinha, em Olinda, foram hospitalizadas com intoxicação por terem ingerido alimentos coletados no lixo. Suspeitava-se que havia carne humana no lixo hospitalar que era depositado a céu aberto sem nenhum controle, junto com os demais resíduos da cidade” (ABREU, 2001, p. 12).

A partir desta triste realidade, iniciou-se então, a participação do UNICEF na busca de soluções para os problemas de milhares de crianças, que junto com suas famílias sobrevivem do que colhem nos lixões e nas ruas do Brasil (ABREU, 2001). O UNICEF diante dessas preocupações foi levado a priorizar a questão convidando alguns parceiros para buscar uma solução para as mesmas, o que levou à construção coletiva do programa “Lixo & Cidadania”, cujo objetivo básico consiste em *“erradicar o trabalho de crianças e adolescentes na catação do lixo e contribuir para uma solução urgente do problema da coleta e do destino final do lixo nas cidades brasileira”* (BRASIL, 1999, p. 14). Isto deve ser feito através da articulação de uma rede de projetos e programas já existentes, no qual a meta final tenha afinidade com os objetivos do programa, no que se refere à inclusão social com cidadania das crianças, adolescentes e de suas famílias que vivem e sobrevivem como catadores de lixo. Este programa se propõe a aproveitar a estrutura existente, articulando os níveis de governo e as entidades envolvidas com a questão da inclusão da questão social nos programas de gerenciamento de resíduos (BRASIL, 1999).

Já a Campanha “Criança no lixo, nunca mais” também lançada pelo Fórum Nacional Lixo & Cidadania em 1999, foi realizada devido à preocupação com crianças e adolescentes que trabalhavam no lixo vivendo em situação de pobreza absoluta, quando as estimativas do UNICEF baseadas em pesquisas da Água e Vida revelaram que 45 mil crianças e adolescentes viviam e trabalhavam nos lixões então existentes em 3.500 municípios brasileiros. Em 2002, o Fórum Nacional Lixo & Cidadania avaliou que cerca de 46 mil meninos e meninas deixaram de trabalhar nos lixões. Este número foi expressivo, porém deve ser tomado com cuidado, considerando que as informações sobre o trabalho de catação são precárias, difíceis de serem obtidas com precisão; as pessoas que trabalham nas ruas e nos lixões nem sempre se fixam

nesse trabalho e mudam de atividade frequentemente. Além destas informações é importante ressaltar que muitas crianças ainda em idade pré-escolar não foram contempladas pela bolsa de estudos viabilizadas pelo PETI – principal ferramenta para verificar o número de crianças que saíram das ruas e dos lixões ao longo dos quatro anos de trabalho do Fórum Nacional Lixo & Cidadania. Sabe-se que essas crianças acompanham os pais no trabalho nas ruas e nos lixões por não terem outra alternativa. Na pesquisa também não foi identificada a taxa de natalidade nestas famílias ao longo do tempo (ABREU, 2001). De acordo com Abreu (2001), a alimentação é uma questão prioritária e como estratégia de combate à fome e a extrema pobreza foi instituído desde 2003, pelo governo federal e com ampla participação da sociedade – o Fome Zero, que inclui os catadores como grupo prioritário. Além disso, deve ser buscado o acesso dos catadores aos programas de transferência de renda do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome), especialmente o Bolsa Família e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Desde 2000, as crianças que trabalham no lixo passaram a ser priorizadas nas bolsas concedidas pelo PETI, quando a OIT (Organização Internacional do Trabalho), incluiu na resolução 182, o trabalho no lixo uma das piores formas de trabalho infantil. Diante deste longo período de trabalho desenvolvido a partir do Programa Nacional Lixo & Cidadania, Abreu afirma que, “não foi só a vida das crianças no lixo que melhorou desde que o programa Lixo & Cidadania foi lançado. Muitos catadores trabalham hoje de maneira mais digna e reconhecida” (2001, p. 30 e 31).

Dessa forma, todo o cidadão pode atuar para que em seu município seja adotado o Programa Nacional Lixo & Cidadania. Para isso se faz necessário que ele se informe sobre como ocorre à gestão do lixo em sua cidade, da coleta à destinação e como é a situação das pessoas que vivem do trabalho no lixo. Também é preciso verificar se o município aderiu à campanha “Criança no Lixo, Nunca Mais” e se assinou o termo de intenção para participar do programa, caso tenha assinado se as devidas ações foram implantadas (ABREU, 2001).

Além disso, todo o cidadão tem o direito de intervir na realidade socioambiental existente em sua cidade, caso verifique que o lixo está degradando o município, que existem muitas famílias sobrevivendo da catação no lixão da cidade e que o prefeito não assinou o Termo de Intenção e nem pretende implantar bons projetos para as crianças que vivem do lixo. Diante dessa problemática, se pode atuar contra essa situação promovendo abaixo-assinados para que o prefeito se comprometa com o Programa Lixo & Cidadania. Assim, se pode recorrer à Promotoria Pública dos estados; promotores de Meio Ambiente e da Infância em todo Brasil podem apoiar a campanha “Criança no Lixo, nunca mais” (ABREU, 2001).

1.2.2 CATADORES (AS) DE RESÍDUOS SÓLIDOS E SUA HISTÓRIA DE LUTA NO CENÁRIO NACIONAL

A articulação de diversas lutas por direitos e justiça social para a categoria torna possível a criação de um movimento que une forças dos (as) catadores (as) de materiais recicláveis de diferentes regiões do Brasil.

Em meados de 1999, surgiu o “Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis” (MNCR), através do 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel. Este movimento foi fundado em junho de 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis realizado em Brasília, onde estiveram presentes aproximadamente 1700 catadores (as) (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009). Neste grande encontro estruturaram o MNCR com representação em todas as regiões do Brasil. Uma Comissão Nacional se reúne regularmente, para discutir sobre a participação da categoria no contexto nacional (ABREU, 2001). Neste Congresso foi lançada a Carta de Brasília, esta expressa às necessidades do povo que sobrevive da coleta de materiais recicláveis em meio à falta de oportunidades, sendo uma esperança para muitos destes trabalhadores informais. Tendo em vista as bases de acordo do MNCR com relação à categoria, estes devem assumir o trabalho e o nome da categoria de Catador de Materiais Recicláveis como profissão; devem ter conhecimento da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), que reconhece e descreve a atuação do Catador de Materiais Recicláveis no mercado de trabalho; e ser um profissional Catador (a) de Material Reciclável organizado em uma cooperativa, associação, entreposto ou grupo que seja auto gestor e orientados pelos princípios do MNCR (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009).

Como resultado da luta pelo resgate da dignidade e da cidadania desta categoria, em 2002, a profissão de catador foi reconhecida pelo Ministério Do Trabalho e Emprego na Classificação Brasileira de Ocupações (ABREU, 2001). Nessa nova classificação, os catadores de resíduos sólidos são registrados pelo número 5192-05 e sua ocupação é descrita como catador de material reciclável. De acordo com a sua atividade na CBO, os catadores catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não-ferrosos e outros materiais considerados como re – aproveitáveis (MEDEIROS & MACÊDO, 2007).

Em 2003, foi criado pelo Governo Federal o Comitê Interministerial para Inclusão Social dos Catadores. Entre outras atribuições, esse comitê deveria potencializar e integrar

ações, implantando projetos que visassem garantir condições dignas de vida e trabalho aos catadores de recicláveis, bem como apoiassem a gestão e destinação adequada dos resíduos sólidos nos municípios brasileiros (MEDEIROS & MACÊDO, 2007; ABREU, 2001).

Também no ano de 2003 aconteceu o 1º Congresso Latino-americano de Catadores em Caxias do Sul – RS. Este divulga a Carta de Caxias que difunde a situação dos catadores da América Latina unificando a luta entre países. Neste momento o MNCR, mostrou a sua força nacionalmente a partir de articulações regionais. Muitas lutas foram travadas e muitas conquistas estão sendo alcançadas em todo o Brasil (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009).

O 2º Congresso Latino Americano de Catadores (as), que ocorreu em 2005, uma continuidade de articulação latina abriu novas frentes de luta por direitos. No ano de 2006, o MNCR organizou uma marcha até Brasília, encontro que reuniu cerca de 1200 catadores, os quais levaram suas demandas para o Governo Federal, exigindo a criação de novos postos de trabalho em cooperativas e associações bases orgânicas do movimento. Este evento se tornou um marco histórico na luta dos catadores no Brasil (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009).

Em 2008 na Colômbia foi realizado o 3º Congresso Latino Americano de catadores (as), representantes de quinze países latino-americanos participaram do evento e proclamaram novas estratégias, objetivando a busca por direitos que tragam uma melhor qualidade de vida a estes trabalhadores (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009).

Após oito anos de tantas lutas e esforços dos (as) catadores (as) do Brasil na busca por uma vida digna e pelo resgate de sua cidadania, esses têm sua problemática discutida em diversos espaços e sua voz ampliada no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Entre os principais objetivos propostos por este movimento estão: garantir o protagonismo popular da classe, que é oprimida pelas estruturas do sistema social, tem por princípio garantir a independência de classe, que dispensa a fala de partidos políticos, governos e empresários em seu nome; desenvolver suas ações na busca de uma sociedade mais justa e melhor para todos, buscando a organização da categoria na solidariedade de classe, que reúne forças para lutar contra a exploração buscando a liberdade, esse princípio é diferente da competição e do individualismo, busca o apoio mútuo entre os companheiros (as) catadores (as) e outros trabalhadores e; lutar pela autogestão do trabalho e o controle da cadeia produtiva de reciclagem, garantindo que o serviço que realizam não seja utilizado em

benefício de alguns poucos (os exploradores), mas que sirva a todos (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009).

A partir dessas metas, se percebe a intensidade das manifestações desses trabalhadores contra o sistema social vigente, buscando a existência de relações mais justas, visando o alcance dos direitos da categoria para que possam ter uma vida mais saudável, através de ações participativas e em cooperação, podendo assim exercer sua cidadania com dignidade.

1.2.3. O PANORAMA POLÍTICO DA QUESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS NO BRASIL

A partir do levantamento sobre as políticas nacionais existentes no Brasil, se percebe que a questão dos resíduos sólidos era tratada na lei nº 11445 que estabelecia as diretrizes nacionais e a política federal de saneamento básico (BRASIL, 2007). Entretanto, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, instituiu a Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que regulamenta a Política Nacional de Resíduos Sólidos, a qual inclui ações socioambientais que poderão trazer benefícios aos catadores de resíduos sólidos urbanos e suas famílias (Diário Oficial da União, 2011). Embora, ainda sejam necessárias muitas mudanças políticas, econômicas e sociais, para que essa lei seja posta em prática, a aprovação dessa política se constitui em uma possibilidade de valorização e reconhecimento desses trabalhadores em cenário nacional.

Diante dessa história de lutas e conquistas, se percebe que a profissão de catador se constitui sobremaneira em uma problemática socioambiental, já que as principais causas que levam ao desemprego e à pobreza estão enraizadas no cerne de uma sociedade capitalista, consequentemente competitiva e desigual. Dessa forma, esse tema deve ser tratado com muita seriedade, pois as relações desumanas existentes na sociedade atual influenciam a vida de muitas pessoas, trazendo sérias conseqüências a um número considerável de famílias brasileiras.

1.3 O TRABALHO DE CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os avanços tecnológicos conquistados ao longo do processo social e histórico da humanidade contribuíram para que o fenômeno da globalização conquistasse o seu lugar rapidamente e de maneira inesperada na vida de tantas pessoas. Essa nova era, trouxe novos estilos de vida, onde a propaganda e o marketing passaram a ser “a alma do negócio” e também a porta de entrada para o conseqüente consumismo desenfreado. Os meios de comunicação advertem “Nós somos a geração Coca-cola”, uma geração marcada pela comercialização de muitas mercadorias que trazem em seu slogan o estilo de vida atual vivenciado por uma geração “moderna, virtual e autêntica”.

Com a fabricação de novas máquinas que trazem praticidade, bem-estar e conforto, a realidade passa a ser mais ilusória, os comerciais na televisão hipnotizam as pessoas diante de produtos que se constituem como imprescindíveis para a socialização e a vida. Entretanto, deve-se refletir sobre o que se esconde por trás dessa realidade fantástica e aparente e que não é desvelado aos olhos críticos do telespectador, do internauta, enfim daqueles que ficam fascinados diante de tantas preciosidades mercadológicas, que por muitos instantes parecem trazer felicidade a vida humana. É difícil despertar desse lindo sonho de riquezas, pois nessa realidade social e histórica vivenciada, as pessoas são preparadas para não compreender a verdadeira, delicada, complexa e dinâmica teia, que se constitui a vida. Conforme Ted Perry (inspirado pelo chefe Seattle) "O que acontecer com a terra acontecerá com os filhos e filhas da terra. O homem não teceu a teia da vida, ele é apenas um fio. O que ele fizer a teia estará fazendo a si mesmo" (CAPRA, 1996, p. 9).

Assim sendo, a sociedade atual vive um processo de “modernização ecológica”, pois recusa as regulações políticas, dá preço ao que não tem preço, opõe-se a lógica dos direitos e interesses e tende a equacionar o meio ambiente na lógica da propriedade privada (ACSERALD, 2005). Por trás dessa crise socioambiental, existe uma problemática que se alicerça em uma rede de relações políticas, sociais, econômicas e culturais, onde a ganância, a luta pelo poder e o pensamento antropocêntrico se estabelecem, levando a uma conseqüente desigualdade, injustiça e exclusão social, e possivelmente a degradação ambiental. Conforme Mauro Guimarães:

“A dominação faz parte da lógica capitalista desse modelo de sociedade moderna e é esse modelo que apresenta como caminho o crescimento econômico baseado na extração ilimitada de recursos naturais, renováveis ou não, na acumulação contínua de capitais, na produção ampliada de bens, sem considerar as

interações entre essas intervenções e o ambiente em que se realizam [...] Criou-se com isso uma sociedade consumista de recursos, capitais e bens. O consumismo intenso valoriza a acumulação material, a competição exacerbada, o individualismo egoísta e vende uma ilusão alienante de crença na viabilidade desse modelo, que jamais poderia ser alcançado pelo conjunto da população planetária ou até mesmo pela grande maioria das nações existentes” (1995, p. 13).

Em meio a essa problemática socioambiental, a globalização traz pontos positivos como a facilidade de comunicação e praticidade na vida cotidiana, mas infelizmente se estabelecem muitos pontos negativos. Um exemplo são as máquinas que são produzidas com alto potencial tecnológico e estão ocupando o lugar das pessoas no mercado de trabalho, o que leva muitas ao desemprego.

“Quanto mais se desenvolve científica e tecnologicamente, mais se aprofundam a miséria e a falta de acesso aos bens materiais que permitem objetivamente uma vida digna. O trabalho alienado faz com que o trabalhador se sinta infeliz em seus momentos laborativos, pois em vez de este ser para o desenvolvimento integral do ser, torna-se fonte de sofrimento e insatisfação, uma vez que se configura como uma atividade que não pertence a quem realiza, mas a outro que detém os meios de produção privadamente, definindo o capital como uma relação social desigual de acumulação, opressão e dominação” (NARVAZ apud LOUREIRO, 2004, p. 95).

Assim sendo, para aqueles que querem se inserir no mercado de trabalho, se faz necessário ter uma boa qualificação para que saibam lidar com as novas tecnologias, isso leva a uma crescente desigualdade social devido à falta de oportunidades.

Diante da situação de desemprego, muitas pessoas procuram na comercialização de resíduos sólidos urbanos uma forma de sustentar suas famílias, porém esses (as) trabalhadores (as) informais se encontram em uma posição fragilizada ao longo do processo de reciclagem. A partir das relações estabelecidas neste processo, os grandes empresários recebem elevada quantidade de dinheiro a partir da comercialização de produtos confeccionados através do reaproveitamento de resíduos sólidos urbanos. Isso do ponto de vista ambiental tem uma grande importância na ciclagem de materiais. Porém, as relações que se estabelecem no processo de reciclagem trazem muitas conseqüências negativas aos catadores de resíduos sólidos, pois o preço do material vai reduzindo até chegar ao catador, que carrega carrinhos superlotados de materiais e recebe uma miséria na recicladora, sendo explorados e desvalorizados por seu trabalho em meio às desigualdades existente na sociedade vigente.

“Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens” (MARX apud LOUREIRO 2004, p. 95).

De acordo com Zaneti:

“A Educação Ambiental (EA) surge neste contexto como uma fonte de luz capaz de iluminar e proporcionar meios de diminuir os danos sociais e ambientais causados pela sombra do sistema de gestão: por um lado, a grande produção de resíduos, a finitude dos aterros, a busca de novos espaços para a sua disposição final e, por outro lado, a sombra social representada por uma grande quantidade de pessoas que sobrevivem do lixo” (2006, p. 2).

Nesta perspectiva se percebe que a profissão de catador de resíduos sólidos urbanos tem enorme importância no debate ambiental, pois estão envolvidas questões sociais extremamente relacionadas às ambientais. Em contrapartida, se estabelece na sociedade vigente uma cultura antropocêntrica, onde os seres humanos exploram o ambiente natural, pois são ensinados a pensar de maneira compartimentalizada e excluem-se da sua condição de espécie animal e por tanto natural, não fazendo uma articulação entre a questão social e ambiental. Dessa forma, esgota-se a capacidade de suporte ambiental e tornam-se difíceis a existência dos processos naturais de resiliência ambiental. Conforme Odum:

“... uma economia que não usa os subprodutos para propósitos úteis, é menos eficiente, pois deixa de aproveitar os benefícios econômicos que poderiam derivar-se da venda dos subprodutos beneficiados. Por exemplo, colocar o lixo em depósitos e aterros sanitários, é uma prática pobre. Reciclando vidro, plástico, madeira, metais, etc., dentro da economia, pode-se diminuir custos de reposição destes artigos e os custos de processamento e armazenamento. Os subprodutos que não são facilmente reutilizáveis, devem ser devolvidos ao ciclo ambiental de forma que se beneficie à biosfera [...] Os resíduos não utilizados são contaminação, enquanto que os subprodutos que são reutilizados ou reciclados são benefícios” (1987, p. 31).

É importante pensar a Educação Ambiental como uma possibilidade de mudança na busca por uma sociedade mais justa, solidária, fraterna, crítica e igualitária. Isso se expressa nas palavras de Reigota:

“[...] a Educação Ambiental deve ser entendida como política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos e as cidadãs para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza” (2009, p. 14).

Assim, a Educação Ambiental vem colaborar com uma transformação da realidade socioambiental vivenciada, ressaltando a educação como importante instrumento de mudança cultural, na busca por valores que tornem a sociedade mais justa, a partir de uma visão holística do mundo em sua diversidade.

Ainda de acordo com Loureiro:

“A Educação Ambiental Emancipatória se conjuga a partir de uma matriz que compreende a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no fortalecimento dos sujeitos, na criação de espaços coletivos de estabelecimentos das regras de convívio social, na superação das formas de dominação capitalista, na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade. Como práxis social que contribui no processo de construção de uma sociedade pautada por novos padrões civilizatórios e societários distintos dos atuais, no qual a sustentabilidade da vida, a atuação política consciente e a

construção de uma ética que se afirme como ecológica sejam seu cerne” (2004, p. 15).

Dessa forma, a Educação Ambiental traz em seu cerne um viés de (re) significação dos processos educativos, pois possibilita formar cidadãos críticos que lutam para religar a rede de apoio e se sentem parte deste vasto tecido social, sendo, portanto, capazes de irrigar com práticas educativas todos os sistemas que formam o corpo da sociedade. Essa vem colaborar para que se possa buscar uma sociedade ecologicamente justa e sustentável, onde o ser humano se perceba como parte responsável do ambiente e, se compreenda como parte do entrelaçamento de relações, um ser em espírito, que na dinâmica da vida é capaz de proporcionar felicidade no encontro com o seu interior.

Para que exista uma maior compreensão sobre o trabalho dos catadores de resíduos sólidos urbanos, se faz necessário pensar sobre a realidade socioambiental na qual vivem suas famílias, pois as adversidades afetam todos os integrantes do contexto familiar sendo importante o fortalecimento de todas essas pessoas para que juntos consigam enfrentar as possíveis dificuldades decorrentes dessa profissão.

1.3.1 FAMÍLIAS DE CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E A PROBLEMÁTICA SOCIOAMBIENTAL

Conforme já mencionado, para muitos, a primeira idéia que vem diante da palavra família é aquele grupo pensado no modelo tradicional constituído por pai, mãe, filhos e avós. Entretanto, na sociedade moderna, muitas famílias se encontram organizadas, podendo se configurar e reconfigurar de diferentes maneiras, sendo quase sempre formadas a partir de uma pessoa principal responsável por crianças, adolescentes e idosos. O mundo familiar contemporâneo constitui-se numa variedade de formas de organização com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida apresenta.

“Na constituição de uma família, leva-se em conta a qualidade de suas inter-relações e não apenas sua estrutura. Pode uma família estruturalmente estar composta por uma mulher, sua afilhada e um filho adotivo, por exemplo, e viverem numa relação saudável” (CASSOL & DE ANTONI, 2006; p. 177).

Embora muitas transformações venham existindo nas famílias que vivem o fenômeno da globalização na sociedade atual, ainda se prioriza o núcleo familiar como principal promotor de desenvolvimento humano. É um lugar onde devem ser cultivadas relações duradouras, de afeto, de proteção e de cuidado, onde se propicie possibilidades de todos os membros se desenvolverem de maneira saudável se influenciando de maneira positiva

reciprocamente. Assim, as crianças desde que nascem necessitam que aconteça a sua volta uma série de fatores para poder crescer e estar bem, pois necessitam de amor e de ser cuidadas. Precisam brincar, aprender e se relacionar com as outras pessoas. Conhecer as necessidades dos filhos pode ajudar a proporcionar um melhor entorno para a promoção de um desenvolvimento saudável (RODRIGO *et al.*, 2008).

É nesta perspectiva que se deve pensar as dificuldades enfrentadas na sociedade capitalista em que se vive atualmente, na qual de maneira inevitável as pessoas estão sendo criadas em meio a uma cultura de corrida e luta por sobrevivência, sendo o individualismo, a negligência, a falta de diálogo e de carinho democráticos, fatores que abalam famílias desde a classe alta até as que vivem em situação de pobreza.

Dessa forma, se percebe que apesar das mudanças históricas nos modelos de configurações familiares e da reformulação de valores existe algo essencial que deve ser cultivado e transmitido às próximas gerações nos ambientes familiares: processos educativos alicerçados em práticas que potencializem relações afetivas e de fortalecimento dos integrantes do contexto familiar em comunhão e preparação para a vida.

Assim sendo, mesmo que a “falta” de relações afetuosas e solidárias possa ser uma problemática que se estabelece em famílias de diferentes classes sociais na realidade atual, isso ainda se torna mais complexo quando as famílias vivem em situação de pobreza. Essa afirmação ganha maior validade, se pensada sob a ótica do desemprego, da conseqüente falta de perspectivas de futuro e de planejamento familiar. Essa situação pode gerar outras que podem vir a se tornar riscos pessoais e sociais, como o uso de drogas, violência doméstica, evasão escolar, crianças e adolescentes em situação de rua, entre outras.

De acordo com Araújo (2003), o fenômeno da situação de rua, na maior parte dos casos, é um problema sociofamiliar, pois a exclusão dessas crianças e adolescentes começa com a exclusão das famílias. O fator de renda, neste caso, é determinante, pois as crianças e adolescentes assumem papéis de trabalhadores, com o dever de ajudar no provimento material do grupo familiar.

Nesta realidade vivem muitas famílias de catadores de resíduos sólidos, pais e mães que sofrem com o desemprego e buscam sua fonte de renda reaproveitando materiais e os vendendo para recicladoras. Estas famílias consomem muitas vezes junto aos seus filhos, os alimentos desperdiçados, sendo o retrato da consequência das relações de poder existente na atual sociedade capitalista e da desigualdade social que fragiliza os membros desses ambientes familiares. Nestes contextos a preocupação com as crianças e adolescentes se faz necessário, já que muitos vão para a rua e vivenciam situação de pobreza junto aos seus pais

em um ambiente de risco social e pessoal com perigo ao desenvolvimento saudável desses jovens. De acordo com Abreu:

“Elas jogam bolas de papel de um lado para outro, empilham latinhas e garrafas coloridas. Mas não estão brincando. São crianças e adolescentes trabalhando como catadores nos lixões e nas ruas pelo País [...] São meninos e meninas de diferentes idades. Desde os primeiros dias de vida são expostos aos objetos cortantes e contaminados, aos alimentos podres. Ajudam seus pais a catar embalagens velhas, a separar jornais e papelões, a carregar pesados fardos [...] Grande parte das crianças em idade escolar nunca foi à escola. O lixo é a sua sala de aula, seu parque de diversões, sua alimentação e a sua fonte de renda [...] Vivem em condições de pobreza absoluta. Realizam um trabalho cruel. São crianças no lixo” (2001, p. 16).

Embora esses grupos vivam em possíveis condições de vulnerabilidade socioambiental, os valores e os sentimentos transmitidos e compartilhados, o cuidado, a união e os processos educativos existentes em seus contextos familiares, podem se constituir em processos chaves para que os filhos dessas famílias venham a construir novas possibilidades de futuro na busca por uma melhor qualidade de vida.

Perante essa realidade, se faz necessário o apoio da família ampliada e de uma rede de apoio social bem estruturada que, nestes contextos possa potencializar o desenvolvimento e renovar a esperança desses jovens e de suas famílias. Como afirma Szymanski “Para se chegar à mudança muitas vezes precisamos da ajuda de outras pessoas [...]. Alguém que facilite a descoberta de novas possibilidades de ação e auxilie na criação de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as relações” (1995, p. 21).

Portanto, há que se ter muita cautela na compreensão de como se estabelece a rede de relações existentes, quais as possibilidades de resiliência nestes contextos, em associação com as condições de risco e de proteção. Assim sendo, ao realizar um estudo com famílias deve-se respeitar a individualidade de cada contexto, pois essas têm sua história e muitas vezes passam por muitas dificuldades, tendo o pesquisador como um confidente, um conselheiro, enfim um orientador.

Diante disso, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano proposta por Urie Bronfenbrenner e colaboradores (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998) vem contribuir com uma visão mais integrada e complexa dos acontecimentos, trazendo um olhar sobre a realidade e possibilidades de fortalecer as populações por valores mais fraternos e políticas públicas com prioridade de direitos e deveres mais humanos e igualitários.

1.4 OS CONTEXTOS ECOLÓGICOS COMO PROMOTORES DE DESENVOLVIMENTO NAS FAMÍLIAS

Diante da atual crise socioambiental, se faz necessário compreender como as relações se estabelecem na sociedade vigente. Neste sentido, Bronfenbrenner traz em sua teoria uma nova percepção das relações, a partir de uma análise sistêmica dos contextos, com foco voltado para o ambiente como sistemas sociais, onde os diferentes espaços ecológicos influenciam o desenvolvimento humano de muitos grupos familiares ao longo de suas trajetórias de vida. Dessa forma, para que a sociedade se torne mais justa e com cidadãos ecologicamente prudentes se faz necessária a compreensão do vasto tecido social, no qual existem muitas famílias em diferentes comunidades sofrendo diante de situações de risco e lutando por condições de vida mais saudável.

Assim sendo, para melhor compreender como se estabelecem as relações nos e entre os diferentes ambientes sociais, Urie Bronfenbrenner vem contribuir com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Essa deve ser estudada através da interação de quatro núcleos inter-relacionados: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998).

O processo é o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento. Considerados os propulsores do desenvolvimento, os processos proximais se definem por interações recíprocas progressivamente mais complexas entre o ser humano biopsicologicamente em evolução, com as pessoas, objetos e símbolos presentes em seu ambiente imediato (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998). Para que sejam efetivos devem ocorrer através de longos períodos de tempo. Essas formas duradouras que ocorrem no ambiente imediato de interação, segundo o modelo bioecológico são denominadas processos proximais, considerados como motores primários do desenvolvimento (CECCONELLO & KOLLER, 2003).

A pessoa é analisada através de suas características determinadas biopsicologicamente e aquelas construídas na sua interação com o ambiente (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998). Na perspectiva do Modelo Bioecológico, as características das pessoas são tão produtoras como produtos de desenvolvimento, pois constituem um dos elementos que influenciam a forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais (POLETTI & KOLLER, 2008).

Com relação ao contexto, de acordo com Bronfenbrenner em suas primeiras elaborações datadas de 1979, o ambiente ecológico é constituído por contextos sociais organizados como um encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contendo a outra. Estes devem ser analisados através da interação de quatro níveis ambientais, denominados: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O microsistema é definido como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pelos membros do contexto familiar em desenvolvimento nos ambientes que freqüentam e estabelecem relações face a face. No caso desta pesquisa, são considerados microsistemas a família dos catadores de resíduos sólidos, a escola, a igreja, a casa de amigos, entre outros. O mesossistema se caracteriza pelo conjunto de microsistemas que a pessoa freqüenta e pelas inter-relações estabelecidas por eles que influenciam diretamente o desenvolvimento dos integrantes dos contextos familiares (NARVAZ & KOLLER, 2004). O exossistema constitui os ambientes que a pessoa não freqüenta, mas recebe influência indireta sobre o seu desenvolvimento. Bronfenbrenner (1986) identifica três exossistemas como muito importantes para o desenvolvimento da criança, devido à sua influência nos processos familiares: o trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a família está inserida. O macrosistema consiste no conjunto de ideologias, valores, crenças, religiões, culturas e subculturas presentes no cotidiano das pessoas que influenciam seu desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1979/1996). Esse se constitui na cultura na qual os pais foram educados, os valores e as crenças transmitidos por suas famílias de origem, bem como a sociedade atual onde eles vivem, que também interfere na educação dos filhos. Além disso, a presença de valores culturais solidários e fraternos, existentes nos ambientes familiares pode vir a influenciar as próximas gerações podendo tornar as pessoas fortalecidas e competentes, para lidar com situações que podem vir a fragilizá-las, superando adversidades e crescendo a partir delas, tendo a possibilidade de se constituir em processos de resiliência.

O quarto núcleo é o tempo, que permite examinar a influência para o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo de vida, focalizando a pessoa em relação aos acontecimentos presentes de vida, desde os mais próximos até os mais distantes, como os grandes acontecimentos históricos que marcaram suas trajetórias (BRONFENBRENNER, 1986).

Tendo por base a proposta de Bronfenbrenner, Minayo contribui com uma nova compreensão da idéia de ecossistema, a partir da teoria sistêmica:

“... a concepção de interações sistêmicas, de sistemas interligados ou do mundo como sistema de sistemas o remete à idéia de *ecossistema*: cada um com sua

totalidade (indivíduo, família, sociedade, cidade, nação) interagindo, numa rede dinâmica de interdependências, interações e influências mútuas” (2006, p. 134).

Assim, sistemas sociais se influenciam reciprocamente, formando uma rede de relações, cujas idéias, tomadas de decisão, crenças e valores, podem transformar a vida de muitas comunidades, enfim de muitas famílias. Portanto, para que se compreenda a complexidade e o dinamismo das relações ambientais na promoção do desenvolvimento humano se faz preciso utilizar procedimentos de pesquisa que tragam validade ecológica ao estudo, sendo a Inserção Ecológica um importante instrumento metodológico para o estudo sistêmico ambiental e uma das estratégias norteadoras do método deste estudo.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Na pesquisa ecológica, as propriedades da pessoa e do meio ambiente, a estrutura dos cenários ambientais e os processos ocorrendo dentro e entre eles devem ser considerados como interdependentes e analisados em termo de sistemas.

Urie Bronfenbrenner

Ao estudar famílias em situação de risco recomenda-se utilizar um pressuposto teórico-metodológico que possibilite compreender a influência dos diferentes ambientes no desenvolvimento psicossocial de cada integrante do contexto familiar. Diante dessa percepção e da preocupação em tornar essa investigação válida ecologicamente, conforme referido no capítulo anterior, a metodologia que orientou esse estudo foi a “Inserção Ecológica” (CECCONELLO & KOLLER, 2003) associada a outras estratégias de investigação qualitativa: observações naturalísticas, diário de campo e entrevistas semi-estruturadas.

2.1 INSERÇÃO ECOLÓGICA E A COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO NO AMBIENTE FAMILIAR

A inserção ecológica envolve a sistematização das quatro dimensões-chave da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998). A partir da interação desses quatro núcleos, a metodologia tem como foco a compreensão do “desenvolvimento em contexto” (BRONFENBRENNER, 1996) e dos processos implicados. De acordo com Cecconello e Koller (2003) o processo proximal, além de ser o foco da investigação, permite o desenvolvimento da pesquisa. A Inserção Ecológica possibilita pesquisar qualitativamente famílias em situação de risco pessoal e social em ambiente natural (CECCONELLO & KOLLER, 2003), e exige que os pesquisadores considerem as alterações no desenvolvimento de todos os participantes no processo de pesquisa. Ao utilizar essa metodologia os pesquisadores ecológicos são pessoas em desenvolvimento (processo), fazendo parte do

cenário da pesquisa (contexto), em um momento de sua história pessoal (tempo) (PRATI *et al.*, 2008). Assim sendo, a equipe de pesquisa se insere no ambiente a ser estudado e investiga as inter-relações entre os contextos ecológicos podendo influenciar o desenvolvimento das pessoas em suas atividades, relações e vivências. Através da sua presença constante e significativa no ambiente estudado, o pesquisador integra a rede social do grupo familiar e “mergulha” no ambiente investigado (GARCIA, 2007).

Nessa perspectiva, esta investigação junto às famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos foi realizada a partir de um “olhar ecológico” permeado por uma visão holística e sistêmica das pessoas, processos e contextos estudados ao longo do tempo. Estas dimensões propostas pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano foram identificadas como segue na descrição abaixo.

2.1.1 A PESSOA

A pessoa nesta investigação integra todos os participantes da pesquisa, os membros do grupo familiar (todos os integrantes das famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos) e também a equipe de pesquisa. É importante destacar que, de acordo com a perspectiva do Modelo Bioecológico, a pessoa foi analisada através de suas características determinadas biopsicologicamente e aquelas construídas na sua interação com o ambiente (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998).

Neste estudo, a pessoa contemplou três famílias que têm como complemento da renda o trabalho de catador de resíduos sólidos urbanos, e a equipe de três pesquisadores. Os critérios para inclusão das mesmas nesta pesquisa foram os seguintes: a presença de filhos e netos, que são considerados crianças ou adolescentes, e o exercício da atividade de catador de resíduos sólidos urbanos como trabalho pelos responsáveis pelo grupo familiar. Nas famílias dispostas a colaborar, pode-se constatar que a atividade é praticada pelas mulheres, principais responsáveis por estes ambientes familiares. A participação somente de famílias lideradas por mulheres não foi um critério de escolha, mas aconteceu como um fato ocasional, tendo em vista as dificuldades sobre o aceite das famílias em participar dessa pesquisa.

Esta investigação foi desenvolvida com o apoio e a colaboração de acadêmicas e membros do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-RUA) da FURG e do Núcleo de Estudos e Atenção às Famílias, NEAF. As três pesquisadoras colaboraram durante o estudo, especificamente na parte da transcrição das entrevistas. Uma delas também participou da inserção na comunidade e interagiu com a família, a qual já

conhecia, pois tinha participado do “Programa de Educação Familiar”, projeto de pesquisa – intervenção em Educação Ambiental da FURG (Universidade Federal do Rio Grande). Cabe ressaltar que a inserção no ambiente das três famílias e todas as outras etapas dessa pesquisa foram realizadas por esta autora. No ano anterior todas as acadêmicas que fizeram parte dessa equipe participaram também do Programa de Educação Familiar e já haviam realizado um Curso de formação para trabalhar com a metodologia que orientou esse estudo, a “Inserção Ecológica”. Durante este curso de preparação foi abordado o tema “Percepções sobre as famílias”.

Para melhor compreensão dos dados desta investigação, a primeira família entrevistada será identificada como **Família 1**, a segunda como **Família 2** e a terceira como **Família 3**. O recurso do genograma abreviado (MCGOLDRICK, GERSON & SHELLENBERGER, 1999) foi utilizado para representar graficamente os membros das três famílias que participaram desta pesquisa. Esse foi construído a partir de informações obtidas durante as entrevistas realizadas com os grupos familiares, contribuindo para a visualização e o entendimento das famílias investigadas (YUNES, 2001). Cabe ressaltar que junto às **Famílias 1 e 3**, também participou verbalmente a irmã das duas responsáveis por estes grupos familiares, pois todas têm como complemento da renda o trabalho de catadora de resíduos sólidos urbanos. Abaixo, estão representados os genogramas das três famílias pesquisadas visando oferecer ao leitor uma ideia diagramada da configuração dos grupos familiares participantes deste estudo.

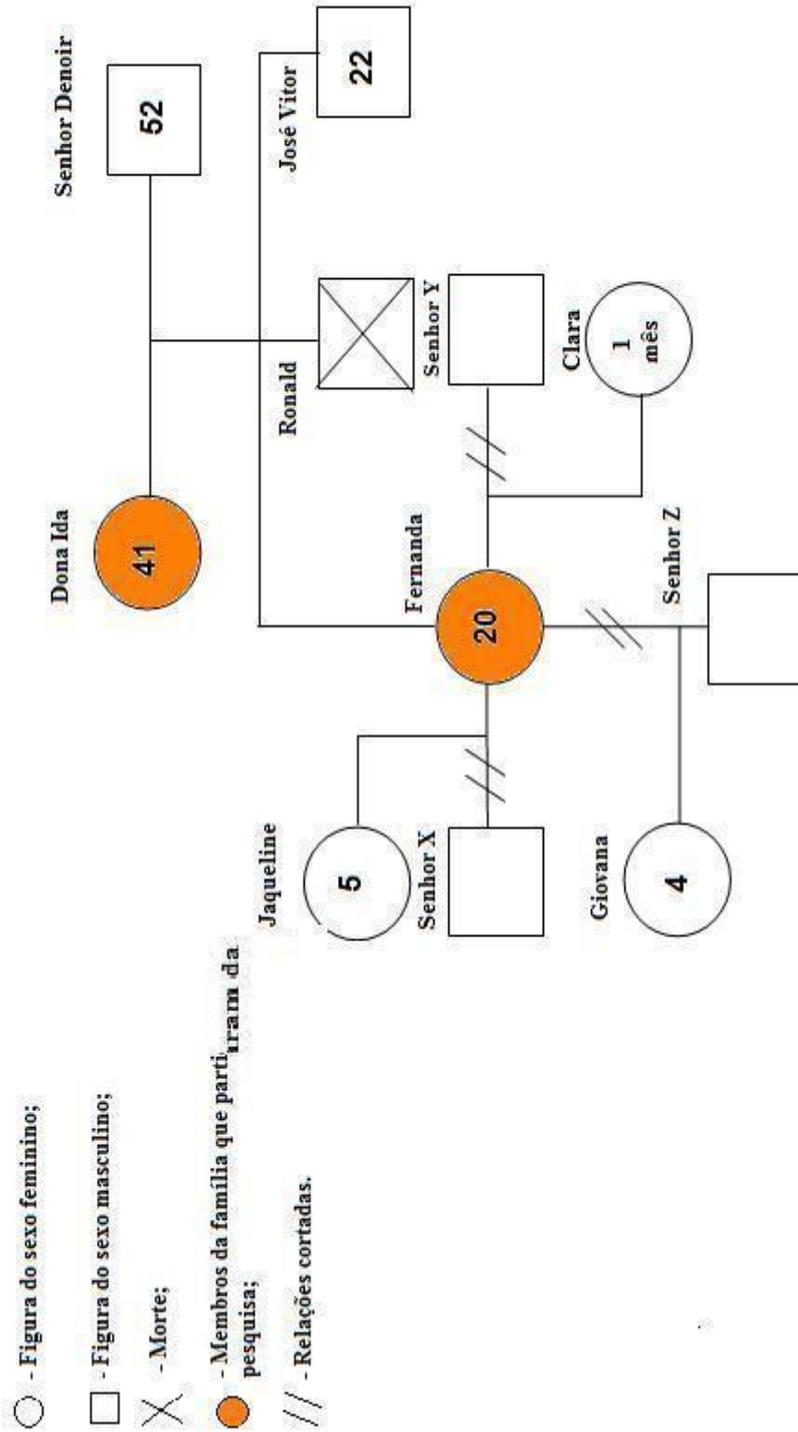


Figura 1: Genograma da Família 1

Profissão e Escolaridade dos Membros da Família:

- Senhor Denoir: Encostado devido aos problemas de saúde, 5ª série do Ensino Fundamental.
- Dona Ida: Catadora de resíduos sólidos urbanos, 3ª série do Ensino Fundamental.
- José Vitor: Está preso, 6ª série.
- Fernanda: Desempregada, 4ª série do Ensino Fundamental;
- Jaqueline: Está na Educação Infantil.
- Giovana: Ainda não está na escola.
- Clara: Ainda não está na escola.

Eventos críticos:

- O Senhor Denoir apresenta problemas de saúde graves, vive em cadeira de rodas e faz diálise semanalmente.
- Morte do filho aos doze anos, por leucemia.
- Prisão do filho mais velho por tráfico de drogas, em abril de 2010.

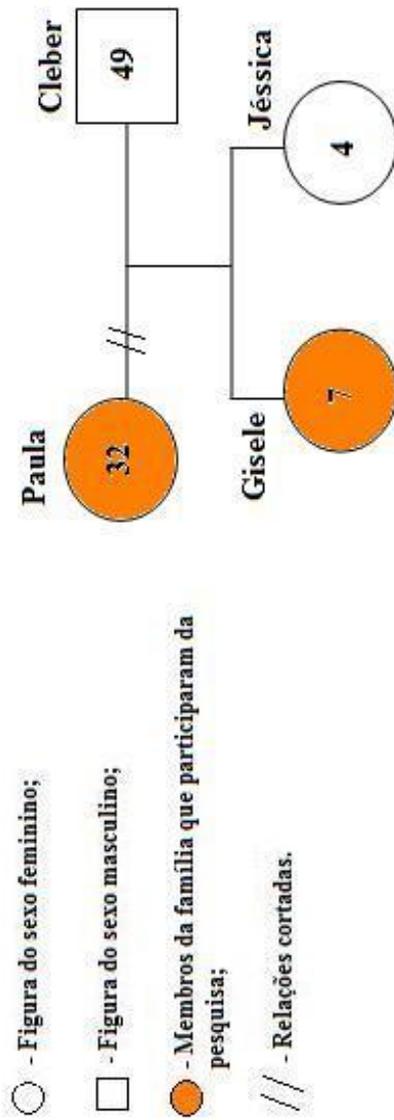


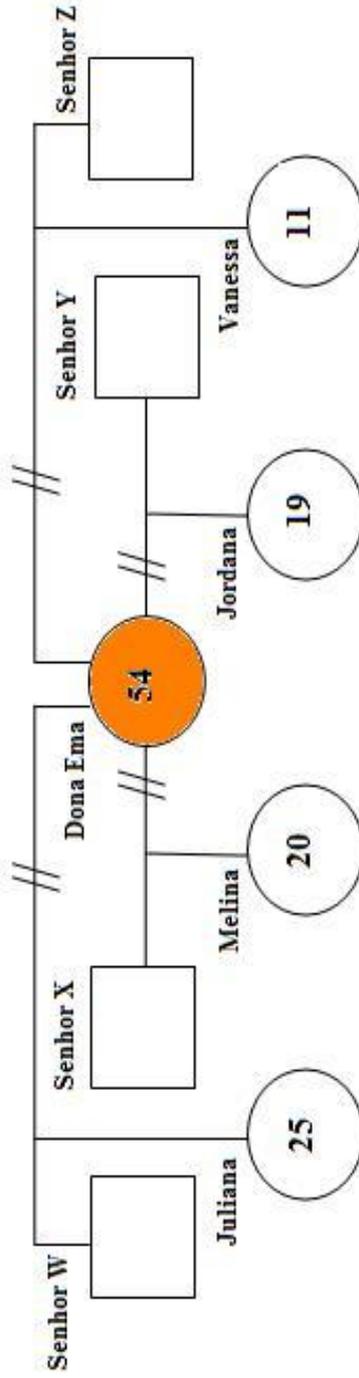
Figura 2: Genograma da Família 2

Profissão e Escolaridade dos Membros da Família:

- Paula: Catadora de resíduos sólidos urbanos, 4ª série do Ensino Fundamental.
- Cleber: Estivador aposentado e trabalha como segurança, 5ª série do Ensino Fundamental.
- Gisele: Estudante, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental.
- Jéssica: Ainda não está inserida no ambiente escolar.

Evento crítico:

- A ausência de apoio no cuidado com as filhas levou Paula ao desemprego. Para enfrentar as dificuldades ela se inseriu na profissão de catadora, o que a possibilitou levar as filhas para realizar a atividade.



○ - Figura do sexo feminino;

□ - Figura do sexo masculino;

● - Membros da família que participaram da pesquisa;

// - Relações cortadas.

Figura 3: Genograma da Família 3

Profissão e Escolaridade dos Membros da Família:

- Dona Ema: Catadora de resíduos sólidos urbanos, 2º série do Ensino Fundamental.
- Juliana: Camareira, 1º ano do Ensino Médio.
- Melina: Estudante, cursando a 6ª série do Ensino Fundamental.
- Jordana: Pescadora, 8ª série do Ensino Fundamental.
- Vanessa: Estudante, cursando a 5ª série do Ensino Fundamental.

Eventos críticos:

- Na infância Dona Ema e suas irmãs enfrentaram muitas dificuldades entre elas, está o racismo no ambiente escolar, o que as impossibilitou de continuar estudando;
- No ano de 1998, Dona Ema ficou desempregada, o que a levou inserção na profissão de catadora.

2.1.2 O PROCESSO

Neste estudo, o processo definiu-se pela interação recíproca progressivamente mais complexa entre os membros da família, os pesquisadores e os múltiplos contextos com os quais estes participantes se relacionaram durante o tempo da investigação. Ao longo da pesquisa se pode observar a presença de processos proximais, devido às relações de reciprocidade e de afetividade existente entre os integrantes das famílias. É importante destacar, que de acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998), cada família participante é considerada um microsistema. Nestes ambientes se percebe uma força e uma energia positiva das líderes dos ambientes familiares, que as permitem se sobrepuser às adversidades, e o que se destaca em tal informação é que essas buscam tais atributos individuais, nas relações que estabelecem junto ao grupo familiar, pela preocupação em cuidar e proteger cada membro de sua família, buscando manter unidos os seus familiares. Também se percebeu a existência de processos proximais entre as famílias e a equipe de pesquisa, pois ao longo do tempo deste estudo, existiram interações que se tornaram recíprocas, levando a construção de um laço de amizade e de confiança entre os participantes desta investigação. Além disso, a interação com outros contextos ecológicos considerados também como microsistemas como a família extensa, vizinhos, escola, comunidade religiosa, entre outros, também contribuíram a partir de sua rede de relações, o mesossistema, com a promoção do desenvolvimento nestes grupos.

2.1.3 O CONTEXTO

De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996), o ambiente ecológico é constituído por contextos sociais, sendo necessário organizá-los através da interação de quatro níveis ambientais, denominados: microsistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Nesta investigação, o contexto compõe o entorno ecológico (ambientes micro, meso, exo e macrossistêmicos) da comunidade na qual estão inseridos esses grupos familiares no município de Rio Grande/RS.

O microsistema neste estudo se constitui, principalmente, por cada uma das famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos participantes, pela família ampliada, pelos vizinhos, pelas comunidades religiosas, como a igreja evangélica e a católica, e pela escola. A partir da interação desse conjunto de microsistemas se constitui o mesossistema, uma rede social

potencializadora, que contribui na promoção do desenvolvimento das famílias de catadores participantes dessa pesquisa, se instituindo como um importante indicador de proteção. Conforme Bronfenbrenner (1979/1996), o exossistema envolve os ambientes que a pessoa não frequenta como participante ativo, mas esses desempenham uma influência indireta sobre seu desenvolvimento. Neste estudo os exossistemas que trazem possíveis riscos as famílias de catadores se constituem: na falta de programas de ação social e de políticas públicas destinadas aos catadores de resíduos sólidos urbanos, que possibilitem a essas populações exercerem sua cidadania com dignidade; na ineficácia de alguns serviços sociais; e nas relações de exploração existentes no processo de reciclagem, o que traz sérias consequências aos catadores e suas famílias, influenciando indiretamente o desenvolvimento desses grupos. Enquanto que, alguns exossistemas se destacam como influência positiva nestes contextos, como as políticas públicas destinadas às famílias de baixa renda, como o Programa Bolsa Família e os recursos disponibilizados nas escolas, como o material didático e alimentação, e também os serviços ligados a saúde, como atendimento médico e remédios gratuitos. O macrosistema nesta pesquisa se constitui: na valorização das famílias, pois cultivam valores como a união e o amor, que segundo elas deverão ser transmitidos ao longo das gerações; nas crenças, associando o estudo a expectativa de um futuro melhor, como uma forma de superar as adversidades; na cultura na qual os pais foram educados, buscando que as próximas gerações transmitam os valores educativos de suas famílias de origem aos futuros descendentes.

A partir da inserção das pesquisadoras nos contextos investigados, segue a descrição do microsistema das três famílias participantes do estudo. Por razões éticas os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios.

Família 1: Ao longo das visitas ficou evidente que três irmãos de Dona Ida e suas famílias moram no mesmo ambiente que ela. Ao observar o contexto em que vivem percebe-se que a casa é muito pequena para seis pessoas morarem, as roupas e alimentos ficam acumulados numa mesma peça, cozinha e quarto conjuntos, o que atrai ratos e moscas. As condições de moradia são precárias. No pátio estão os resíduos sólidos coletados, pois primeiro a líder desta família e suas irmãs separam e depois deixam acumular uma maior quantidade para levá-los à recicladora.

Família 2: Paula se mudou para a nova casa há cerca de seis meses, na qual vive de aluguel. Por ela ter participado do “Programa de Educação Familiar” no ano anterior, existia um

vínculo entre a equipe de pesquisa e a escola, o que possibilitou encontrá-la em seu novo endereço. A residência desta família é constituída apenas por duas peças: o quarto e a cozinha conjuntos, e o banheiro. Ao longo dos encontros, ao observar o ambiente, se pode perceber que existe pouca higiene e organização. Constatou-se que, como no ambiente da família de Ida e Ema, os resíduos sólidos coletados também ficam no pátio, mas pareciam estar melhor organizados, separados, cobertos e amarrados com cordas.

Família 3: Ema mora junto aos seus três irmãos no mesmo pátio, inclusive com a Ida e a sua família, cada uma em sua residência. Ao longo das visitas ocorreram mudanças na residência de Dona Ema, pois essa ao iniciar a pesquisa era composta somente por duas peças, em uma ficava o quarto e na outra a cozinha. Entretanto com o passar do tempo, Dona Ema construiu seu banheiro, o qual fez questão de mostrar na última visita realizada, demonstrando muita alegria por esta conquista em seu ambiente familiar. Ela também conseguiu comprar a geladeira que ela tanto esperava, pois logo que iniciou a pesquisa relatou que a dela tinha estragado. Nesta casa as condições de moradia e de higiene também aparentaram precariedade. Além de trabalhar como catadora, Ema também cuida de uma senhora, a qual se refere como alguém de quem recebe ajuda diante das adversidades. Em seu discurso, revela que teve o apoio dessa senhora que cuida para comprar a geladeira. Com relação aos resíduos sólidos, Dona Ema os separa e após estoca no pátio junto às irmãs, Ida e Inês, para depois levá-los à recicladora.

Cabe ressaltar que as irmãs catadoras participantes desta pesquisa são Ema, Ida e a Inês. Cada um dos seus quatro irmãos tem sua casa e vivem no mesmo pátio, com Ida mora o marido, a filha e as três netas. Enquanto que, junto a Ema residem ela e suas duas filhas. E nas casas ao lado vivem a irmã Inês e o irmão José, que são solteiros.

A seguir será realizada uma breve análise do entorno ecológico das residências dos grupos familiares estudados. As famílias participantes do estudo residem em dois bairros do Município de Rio Grande, RS. As **Famílias 1 e 3**, moram no Bairro Navegantes e a **Família 2**, no Bairro Getúlio Vargas. A partir da observação do entorno ecológico onde vivem as famílias pesquisadas, se percebe que no bairro onde residem as **Famílias 1 e 3**, a rede social se constitui pelos vizinhos, pela família extensa, pelas Comunidades religiosas e por serviços sociais como as escolas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil, e também existe a presença de policiamento. Entretanto, não existem postos de saúde, somente nos bairros vizinhos. Enquanto que, no bairro onde vive a **Família 2**, a rede social é constituída pelas

comunidades religiosas e por serviços sociais como escolas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil, pelo posto de saúde, e também existe a presença de policiamento.

2.1.4 O TEMPO

Nesta investigação, o tempo foi percebido como todos os acontecimentos que ocorreram ao longo da trajetória de vida dos participantes da pesquisa, desde os mais próximos até os mais remotos. Diante desta perspectiva, as visitas aos diferentes ambientes familiares ocorreram entre abril e outubro de 2010 e foram realizados quatro encontros com cada família. A cada visita eram observadas as inter-relações existentes nos contextos em que vivem as famílias investigadas, e anotavam-se os principais eventos ocorridos durante a pesquisa em diário de campo.

A partir do entendimento da interação dinâmica e relacional entre os quatro aspectos presentes na teoria de Urie Bronfenbrenner, se pode buscar uma compreensão da influência dos espaços ambientais, enquanto contextos sociais promotores do desenvolvimento das potencialidades humanas. Com a Inserção Ecológica como metodologia de base associada à observação naturalística do pesquisador se fez necessário o estabelecimento criterioso de procedimentos e instrumentos para a coleta e a análise dos dados (GARCIA, 2007).

2.1.5 O DESAFIO DA INSERÇÃO DAS PESQUISADORAS NA COMUNIDADE

A maior dificuldade enfrentada durante a realização dessa pesquisa foi a disponibilidade de participação das famílias. A primeira família que aceitou participar foi convidada durante o “Programa de Educação Familiar” projeto de pesquisa – intervenção em Educação Ambiental da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) que ocorreu entre os anos de 2008 e 2009. A responsável por este grupo familiar se mostrou colaboradora ao receber o convite. Já a segunda família participante, vizinha, há muito tempo, de uma familiar das pesquisadoras, também se propôs a participar, o que facilitou o vínculo para que fosse realizada a investigação. Foi desafiador encontrar uma terceira família com disposição a participar. Nas atividades de busca e contatos, escutamos diferentes discursos que em determinados momentos nos desmotivavam. Podia-se perceber que as pessoas pensavam numa relação troca de benefícios materiais, ou seja, que daríamos algo pela pesquisa ou que ao realizá-la estaríamos tirando algo delas. Além disso, algumas achavam que era um

questionário quantitativo, que consistia somente em marcar as alternativas. Ao esclarecermos que se tratava de entrevistas através de diálogo (qualitativa), as mesmas desistiam.

Após tantas dificuldades e impossibilidades, voltamos a dialogar com a responsável pela primeira família que participou da pesquisa. Essa indicou sua irmã que também trabalha como catadora e que teve interesse em participar do estudo.

2.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

No primeiro momento, as famílias receberam o convite verbal para participarem do estudo. Os procedimentos de pesquisa foram explicados da seguinte forma: “Gostaria de conhecer a história de vida da tua família, pois gostaria de compreender a realidade vivenciada por famílias que têm como fonte de renda o trabalho de catador. Por isso, queria que me contassem um pouco da sua história, a partir de algumas perguntas que estarei fazendo nas entrevistas. Ao longo do tempo serão realizadas novas visitas para possíveis questões de esclarecimento”. Após a aceitação dos grupos familiares em participar do estudo, foram realizadas as entrevistas que tiveram duração de em média duas a três horas. Somente depois de estabelecermos um vínculo de confiança com as famílias pesquisadas é que estas aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO I). Ao entregar este documento a cada uma das famílias, explicamos a importância da assinatura do termo, para que pudéssemos utilizar os resultados da pesquisa e para a garantia do sigilo da identidade dos grupos familiares. Assim, foi reforçado que ao utilizar os dados originados através das entrevistas, seriam atribuídos nomes fictícios aos integrantes destes contextos familiares para assim, preservar suas identidades.

Ao longo desta investigação foram utilizados os procedimentos descritos abaixo para obtenção dos dados, em consonância com os pressupostos teórico-metodológicos deste estudo, visando à validade ecológica da pesquisa. Conforme Bronfenbrenner (1979/1996), “a validade ecológica se refere à extensão em que o meio ambiente experienciado pelos sujeitos numa investigação científica tem as propriedades supostas ou presumidas pelo investigador” (p. 24).

2.2.1 OBSERVAÇÃO NATURALÍSTICA

Este procedimento contribuiu para que a equipe de pesquisa observasse as inter-relações existentes nos ambientes familiares e maximizasse os detalhes dos contextos e das

interações pessoais, contextuais e simbólicas ao longo do tempo do estudo. Buscou-se assim, compreender a realidade vivenciada pelas famílias, percebendo-as em seus ambientes naturais, dinâmicos e complexos, a partir de um olhar sistêmico sobre o cotidiano de cada uma.

2.2.2 DIÁRIO DE CAMPO

A coleta de dados teve início em março de 2010 e término em outubro de 2010. Através da inserção das pesquisadoras no ambiente investigado foi construído este instrumento que possibilitou a cada integrante da equipe de pesquisa o registro sobre as percepções e impressões das experiências vivenciadas durante os encontros com os grupos familiares. Este foi construído independentemente das entrevistas gravadas. Conforme Garcia (2007) “o diário de campo contribui para a identificação de processos presentes em conversas informais, descrições do ambiente e das situações de pesquisa, que fazem parte da inserção ecológica do pesquisador” (p. 36).

Ao escrevê-lo a equipe manteve o cuidado de anotar as falas originais e as situações relevantes para que fossem alcançados os objetivos do referido estudo.

2.2.3 A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COMO CONTRIBUIÇÃO NA COLETA DE DADOS

No presente estudo foi utilizada a *Entrevista semi-estruturada* para orientar a coleta de dados, e direcionar a pesquisa qualitativa. Essa foi adaptada a partir da entrevista elaborada por De Antoni, Yunes, Habigzang e Koller (2006). Para a realização dessa investigação junto às famílias foram utilizados os princípios básicos da *Entrevista reflexiva*. De acordo com a proposta de Szymanski (2001) as seguintes etapas são fundamentais: *aquecimento, questões desencadeadoras, questões de esclarecimento e devolução*. Cabe ressaltar que embora sejam utilizados estes princípios teóricos, não serão utilizadas neste estudo as informações obtidas na fase de devolução das categorias aos participantes. Isso se deve a grande massa de dados qualitativos obtidos nas primeiras fases das entrevistas. Além disso, neste estudo a etapa equivalente às questões desencadeadoras foi substituída pela entrevista semi-estruturada.

A utilização dos princípios da entrevista reflexiva possibilitou retratar as experiências vivenciadas pelos grupos familiares para que a investigação dos fatos fosse realizada de

maneira contextualizada em um espaço-tempo histórico-cultural e também para a atribuição de significados a estes fatos pelos próprios sujeitos investigados (GARCIA, 2007).

O primeiro encontro possibilitou o *aquecimento*. Neste obtivemos a aceitação da família, após dialogarmos sobre a importância do estudo e como seriam realizados os procedimentos da pesquisa. Nesta investigação, buscou-se pesquisar a história de vida familiar, visando compreender os processos de resiliência que contribuem para a superação das adversidades nestes contextos familiares, tendo em vista a inserção no trabalho de catador de resíduos sólidos ao decorrer do percurso histórico (GARCIA, 2007). Ao iniciar esta etapa da entrevista foi realizada a seguinte questão: “Como eu já disse, eu gostaria de conhecer a história de vida e o cotidiano da sua família. Em primeiro lugar, vamos falar um pouco de estudo e do trabalho de vocês”. Nesta etapa a história de vida teve um enfoque nos temas do estudo e no trabalho. Os objetivos foram conhecer as dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória de vida destes grupos familiares e o que levou essas famílias a terem como fonte de renda a profissão de catador de resíduos sólidos urbanos.

No segundo e terceiro encontros foi realizada a entrevista semi-estruturada propriamente dita (ANEXO II) junto às famílias.

Na quarta e última visita foram realizadas *questões de esclarecimento*, visando esclarecer, refletir e aprofundar as idéias que emergiram dos discursos nos encontros anteriores. A fase de *devolução* prevê que o pesquisador exponha uma pré-análise dos dados, possibilitando ao entrevistado concordar ou discordar a partir do diálogo entre participantes de pesquisa, em uma relação de interação.

2.2.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Tendo em vista a obrigatoriedade da utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) nas pesquisas que envolvem seres humanos definida pelo Conselho Nacional de Saúde em sua Resolução número 196/96, esse estudo foi enviado ao Comitê de Ética da FURG (PRATI *et al.*, 2008). Após apreciação, o Comitê emitiu o parecer de aprovação com o número 123/2010, considerando tratar-se de um trabalho relevante.

2.3 A ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Os dados foram analisados qualitativamente. Para a realização da análise foram utilizados os princípios e as etapas propostas pela *Grounded-Theory* (STRAUS & CORBIN,

1990). Nas experiências anteriores têm sido constatado em estudos sobre resiliência, que os princípios desta análise são adequados, pois possibilitam a emergência do fenômeno independente de outras teorias já preexistentes (YUNES & SZYMANSKI, 2005). Assim sendo, o pesquisador organiza os dados a partir da codificação e nomeação de categorias e subcategorias. Para isto é realizada a “codificação aberta”, definida como “o processo de desmembramento, exame, comparações, conceitualizações e categorizações dos dados”, através de uma análise criteriosa dos relatos (STRAUS & CORBIN, 1990).

Esse método possibilita que as categorias e subcategorias surjam a partir do discurso dos entrevistados, das anotações do diário de campo e dos *insights* (idéias que surgem a partir dos códigos, categorias e relações entre as categorias) dos pesquisadores (CHARMAZ, 2006; YUNES, 2001; GARCIA, 2007). A seguir serão apresentadas as etapas do processo de análise de dados deste estudo, de acordo com a *grounded-theory*.

Após a transcrição na íntegra das entrevistas com as três famílias, foi realizada uma “interação com os dados” (YUNES, 2001), a qual consistiu em várias leituras que possibilitaram a reflexão sobre o diálogo estabelecido entre participantes da pesquisa. Primeiramente foram selecionadas as falas consideradas significativas, para posterior categorização. As principais temáticas que emergiram das entrevistas, de maneira mais ampla, foram codificadas como categorias. E o maior detalhamento das falas/ frases deu origem às subcategorias.

Exemplo:

Entrevista com Família 2

Categoria/Subcategorias

Fala	Categoria	Subcategorias
Porque eu trabalhava em fábrica e outra né, e acho que não tem outra alternativa, porque as pessoas não te dão serviço, não te dão mais uma confiança, aí não querem que tu leve criança...E eu tenho que levar ela né, ela não incomoda, vai comigo sentada ela fica. Ela fica esperando eu terminar meu serviço.	Dificuldades nas Atividades de trabalho e obtenção de renda	A profissão de catadora como alternativa Mãe e filhas vivenciam situação de trabalho na rua

Em seguida foi realizada a segunda etapa da análise de dados. Após as falas serem agrupadas em categorias e subcategorias, essas são relacionadas e interpretadas pelo

pesquisador (GARCIA, 2007). Diante da reflexão e aprofundamento do pesquisador no discurso, surgem os *insights ou memos*, idéias a respeito dos códigos, categorias e relações entre as categorias (CHARMAZ, 2006). A partir dessa integração dos dados emerge a teoria fundamentada nos próprios dados. Para essa análise ser construída é necessário destacar “que a criatividade e sensibilidade do pesquisador são elementos importantes nesse processo” de interpretação na interação com os dados (YUNES & SZYMANSKI, 2005, p. 6)

Exemplo:

Entrevista com Família 2

Codificação e interpretação dos Dados

D – Atividade de trabalho e renda

Fala	Código 1	Código 2	Subcategoria
Porque eu trabalhava em fábrica e outra né, e acho que não tem outra alternativa porque as pessoas não te dão serviço, não te dão mais uma confiança, ai não querem que tu leve criança...E eu tenho que levar ela né, ela não encomoda, vai comigo sentada ela fica. Ela fica esperando eu terminar meu serviço.	Descrevendo a profissão de catadora	Mãe e filhas vivenciam situação de trabalho na rua	Buscando alternativas de trabalho diante do desemprego

Comentário/insight/memo

As líderes dos ambientes familiares estudados demonstram ter muita responsabilidade, comprometimento e amor por suas famílias, as quais parecem evidenciar **FORÇA PARA SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**. Isto porque, foi a partir dessa preocupação com o grupo familiar, que elas encontraram forças para enfrentar a **situação de desemprego** pela qual passavam. Assim, essas mulheres buscaram nas **CARACTERÍSTICAS DA PROFISSÃO DE CATADORA**, uma possibilidade de **sustento, cuidado e proteção do grupo familiar**, como uma luz diante da crise. Isto porque, este trabalho possibilita levar as crianças para realizá-lo e também traz uma maior flexibilidade com relação ao horário, pois permite que elas cumpram seus afazeres domésticos. Dessa forma, a profissão de catadora se constitui como uma

atividade **honest**a, possibilitando a essas mulheres lutarem, com **dignidade**, cuidando de sua família, na **esperança de um futuro melhor** (*Memo*, 04/07/2010).

Esta análise qualitativa dos dados se mostrou ideal na realização deste estudo sobre resiliência familiar, já que possibilitou a compreensão de significados e sentidos dos fatos vivenciados ao longo da trajetória de vida das famílias.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida.

Cora Coralina

3 COMPREENDENDO A REALIDADE DAS FAMÍLIAS DE CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS

Nesta seção serão apresentadas as principais categorias e subcategorias de análise identificadas nas falas das famílias pesquisadas. Cabe ressaltar, que para uma melhor compreensão do leitor sobre os resultados obtidos, as categorias estão descritas no seguinte formato, com letra maiúscula e em negrito. Enquanto que, as subcategorias foram descritas seguindo a seguinte formatação, com letra minúscula e em negrito. Deve-se esclarecer que para oferecer uma melhor ideia do fenômeno na sua integralidade, os dados serão apresentados no conjunto da expressão das três famílias. É importante enfatizar, que a forma de apresentação dos resultados não tem a finalidade de comparar as famílias, mas destacar os aspectos comuns que estas apresentam, com respeito e destaque para as singularidades de cada contexto familiar estudado. Assim sendo, afirma-se o cuidado deste estudo em perceber que cada família tem sua própria cultura, seu governo, sua língua, sua política externa, seus mitos (GARBARINO & ABRAMOWITZ apud YUNES, 2001). A análise das histórias das famílias entrevistadas neste estudo valida esse dinamismo e a diversidade no estilo do “ser família” de cada grupo.

Ainda para melhor compreensão do leitor foram eleitos dois eixos norteadores das categorias e subcategorias. No primeiro eixo se buscará fazer uma relação dos resultados da pesquisa com os processos que contribuem para a resiliência familiar, buscando-se os indicadores de proteção diante das possíveis situações de risco vivenciadas pelas famílias

investigadas. O segundo eixo terá como foco a compreensão da realidade da profissão de catador de resíduos sólidos urbanos sob a óptica da Educação Ambiental.

3.1 AS FAMÍLIAS DE CATADORES SOB A PERSPECTIVA DA RESILIÊNCIA FAMILIAR

Ao estudar a resiliência familiar, é necessário compreender as diversas influências e eventos de vida que podem se configurar como indicadores de proteção nas famílias investigadas, tendo em vista as condições de risco vivenciadas. Dessa forma, neste eixo será realizada uma análise em busca de compreender os principais aspectos protetivos que influenciaram as famílias pesquisadas de maneira positiva diante das situações percebidas como risco.

3.1.1 A DINÂMICA NOS CONTEXTOS FAMILIARES E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ENFRENTAMENTO DAS ADVERSIDADES

Na sociedade atual, muitas mulheres de uma realidade socioambiental menos privilegiada, lutam diante da falta de oportunidades para conseguir manter suas famílias e assumem diferentes papéis para garantir a possibilidade de um futuro melhor junto ao seu grupo familiar. Walsh reitera esta idéia e expressa “quando a necessidade levou as mulheres à força de trabalho, seus salários e *status* no emprego eram inferiores aos dos homens e elas permaneceram ligadas às suas obrigações familiares fundamentais – disparidade dual que ainda hoje persiste” (2005- b, p. 30).

Neste estudo, nas três famílias entrevistadas, o trabalho de catador de resíduos sólidos urbanos é realizado por mulheres, sendo essas as principais responsáveis por seu grupo familiar. Dessas famílias, duas são monoparentais, enquanto que a outra família, embora a esposa tenha seu companheiro, este vive em cadeira de rodas, o que a faz líder neste contexto familiar. Conforme afirma Garcia & Yunes (2006) “as famílias monoparentais e de baixa renda – geralmente matrifocais, ou seja, chefiadas por mulheres – constituem um grupo cada vez mais expressivo na sociedade brasileira” (p. 122).

Walsh ao discutir os padrões organizacionais, um dos processos chaves da sua teoria sobre a resiliência familiar, afirma “uma liderança forte é fundamental para a educação, proteção e orientação das crianças, assim como para o cuidado dos idosos e de outros familiares vulneráveis, especialmente em épocas de crise” (2005 – b, p. 89).

De acordo com os indicadores sociais do senso do IBGE em 2009, relacionados às famílias, os dados sobre a distribuição por sexo da pessoa de referência entre 1998 e 2008 demonstraram que houve um significativo aumento de mulheres nessa condição (25,9% para

34,9%). E o que mais chamou atenção neste período, segundo tal pesquisa, foi o crescimento da proporção das mulheres declaradas como pessoa de referência, apesar da presença de um cônjuge (2,4% para 9,1%).

Embora essas famílias vivenciem **situações de risco**, como a **pobreza e desemprego**, as mulheres líderes destes ambientes encontraram na profissão de catadora uma possibilidade de enfrentamento das adversidades. Em duas das famílias pesquisadas as **CARACTERÍSTICAS DA PROFISSÃO DE CATADORA**, de **trabalho informal e sem carga horária determinada**, possibilitam às mulheres se organizarem e se adaptarem de maneira dinâmica e flexível. Assim, elas podem cuidar dos membros do seu grupo familiar e trabalhar pelo sustento, visando o desenvolvimento saudável de sua família. Em seu modelo de resiliência familiar, Walsh (2005-b) apresenta os padrões organizacionais das famílias como um dos processos chave de resiliência, pois possibilitam a flexibilidade nos contextos familiares, a partir das novas formas de adaptação e de reorganização. Oliveira em sua pesquisa com catadores evidenciou que “essa informalidade garante a flexibilidade de horários, facilitando os cuidados com os filhos e o exercício dos afazeres domésticos” (2007, p.69). De acordo com Walsh, para o funcionamento familiar efetivo:

“As famílias, em suas formas diversas, devem estruturar as vidas de modo a realizar as tarefas essenciais para o crescimento e o bem-estar de seus membros. Para lidar de maneira eficiente com as crises e a persistente adversidade, precisam mobilizar recursos, resistir ao estresse e se reorganizar para se adequarem às condições alteradas” (2005 - b, p.77).

Assim, alguns **atributos individuais** das “chefas” dessas famílias, como a **orientação social positiva** e a **autonomia**, no enfrentamento da crise se configuram como **indicadores de proteção** nestes grupos familiares, se constituindo como **ELEMENTOS DE FORÇA PARA A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**. Conforme Walsh “a estabilidade estrutural deve ser contrabalançada com a capacidade de se adaptar às circunstâncias alteradas e aos imperativos desenvolvimentais no correr do ciclo de vida familiar, especialmente em respostas a crises” (2005 – b, p. 79).

Os relatos das famílias entrevistadas evidenciam a importância do **PAPEL DA MULHER** como promotora do desenvolvimento do seu grupo familiar. Isto porque, elas se revelaram as responsáveis pela **realização das tarefas domésticas**, pelo **cuidado e proteção da família**, e pelo **trabalho**: *“Ah e eu antes até juntava bastante, eu ia no centro, eu ia por tudo que é lugar, mas agora com ele assim não posso ir. Eu saio aqui pertinho eu não posso ir longe por causa dele. Quando eu vo na diálise com ele eu volto catando. Não caminha,*

não, não caminha. É na cadeira de rodas, é na cadeira de rodas... ele dá uns passinhos no andador, mas não caminha bem” (Dona Ida/ **Família 1**). *“E eu chego cansada... porque hoje ainda tive que sair e buscar o pão né, cheguei da reciclagem cansada, fui tomar banho, buscar o pão, tudo isso né...chego com sede, ai dei o almoço pra elas, ainda dei uma lavada na louça pra não deixar louça tudo assim né”* (Paula/ **Família 2**). *“Eu nem quero nada dele, não quis nada quando nasceu o que eu ganhei até agora vai até o dia que elas se casa”* (Dona Ema/ **Família 3**).

De acordo com a experiência vivenciada em um programa de atendimento a grupos familiares chefiados por mulheres, Narvaz (2000) demonstrou a situação destas mulheres que sofrem situação de pobreza ao mesmo tempo em que enfrentam as dificuldades para cuidar dos filhos, do lar e do trabalho sem o apoio dos parceiros. Elas se sentem sobrecarregadas e, por vezes, com sentimentos de incompetência diante de tantas tarefas e responsabilidades.

Mesmo que essas famílias lutem para se adaptar às exigências desenvolvimentais e ambientais em freqüente mutação, se faz necessário compreender como os contextos ecológicos a partir de sua rede de inter-relações podem contribuir para o fortalecimento e desenvolvimento destes grupos familiares, podendo se constituir como efetivos **ELEMENTOS DE FORÇA PARA A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**.

3.1.2 A INTERAÇÃO DOS CONTEXTOS ECOLÓGICOS COMO REDE FUNCIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO E FORTALECIMENTO DAS FAMÍLIAS

A partir de uma visão sistêmica é possível compreender a **REDE SOCIAL** como um entrelaçamento entre os diferentes contextos ecológicos que podem promover o desenvolvimento dos integrantes das famílias. Segundo Narvaz e Koller “o desenvolvimento consiste na interação recíproca entre a pessoa e o seu contexto através do tempo, sendo uma função das forças que emanam de múltiplos contextos e de relações entre eles” (2004, p. 57).

Nesta perspectiva, o presente estudo evidenciou a importância da **REDE SOCIAL** como potencializadora no enfrentamento das dificuldades, com indícios de que uma rede funcional e conectada é um **indicador de proteção** para estas famílias. Segundo Walsh “os vínculos com o mundo social são de vital importância para a resiliência familiar em crise” (2005 – b, p. 95). Nestes contextos, diante da situação de desemprego e de poucas expectativas futuras, a iniciativa de trabalhar como catador de resíduos sólidos urbanos surgiu a partir do apoio de alguém que compõe a **REDE SOCIAL**, como a **família ampliada** e

amigos: “*Eu e minha irmã nos unimos*” (Dona Ida / **Família 1**). “*Reagimos super bem, sem problema nenhum foi uma amiga minha que me ensinou, depois ela parou. Então foi ela quem me ensinou então eu peguei rapidinho*” (Paula / **Família 2**). “*Não tinha mesmo, depois que comecei a catar apareceu foi a Inês que me incentivo sabe, não por tá na frente dela, isso ela me incentivou. Ai eu falava: Ah! Inês eu não tenho o serviço, ah eu não tenho serviço. E ela: não te desespera, arruma o que fazer. Ai eu ia catar*” (Dona Ema / **Família 3**).

Nos relatos das Famílias 1 e 3, se percebe um **reconhecimento do apoio** na **relação com os vizinhos** diante das situações de crise: “*Ajudam, as vizinha que me ajudam, todo mundo me ajuda. Me ajudam. Apóiam mesmo*” (Dona Ida/**Família 1**). “*Os vizinho são tudo ótimo não tenho queixa de ninguém são tão bom, principalmente quando a gente ta doenti, sempre tem um, pra tentar ajuda, quando a gente tem dificuldade na doença*” (Dona Ema/**Família 3**). Enquanto que na Família 2, a **relação com os vizinhos é restrita**, a responsável por esta família demonstrou desconfiança ao falar: “*Eu converso com o pessoal me dou bem, mas não dá pra dá muito assunto senão eles querem sabe a tua vida. Não tenho muito assunto com vizinho, porque eles querem sabe como é que tu leva a tua vida, então eu levo a minha vida assim leve e solta entendesse? Então não tenho muita conversa*” (Paula/**Família 2**).

Embora exista uma **sobrecarga** de responsabilidades que evidenciam a importância do **PAPEL DA MULHER** nestes contextos, existe uma **relação de apoio e de afeto** estabelecida junto à **família ampliada** diante das situações de crise, existindo uma **rede familiar afetiva**: “*Eu quando chego do serviço, ao invés de eu ir lá pra minha peça, eu venho direto na Ida. Eu to sempre, sempre, sempre diz eu vou lá na Ida, qualquer coisa eu to sempre na volta. Eu sou assim, daquelas assim das horas ruim e das hora boa né?*” (Inês / **Família 1**). “*É tenho a ajuda dele também, geral paga conta, aluguel, paga luz, se não tivesse o apoio dele acho que não dava*” (Paula/ **Família 2**). “*Eu fui e depois era só limpeza aqui nas casa de família, eu não parava em serviço nenhum depois que eu tive a Juliana, ai veio a Jordana, a Jordana, ai eu tinha o meu pai e minha mãe, a mãe que cuidava da minha filha e a Inês (irmã). E a Inês ajudou a criar também a essa minha filha, ela ia pro serviço com a Inês. Ela ia sozinha! Ela só ia com a Inês, ela só andava com a Inês. Ela era agarrada, era agarrada*” (Dona Ema/ **Família 3**).

Nas Famílias 1 e 3, a irmã Inês contribuiu com a **proteção** e **cuidado** de todos os sobrinhos que compõem as duas famílias.

Assim se percebe na fala das entrevistadas um dos processos-chaves, da teoria sobre a resiliência familiar de Walsh (2005), os padrões organizacionais, entre os quais se destacam os recursos sociais e econômicos, como se pode perceber na seguinte afirmação:

“A família ampliada e as redes sociais oferecem ajuda prática e conexão comunitária vital. Elas proporcionam informações, serviços concretos, apoio, companhia e repouso, além de promover uma sensação de segurança e solidariedade. As atividades comunitárias e a filiação religiosa também estimulam o bem-estar individual e familiar” (WALSH, 2005 - b, p. 95).

A **comunidade católica** integra a rede de maneira positiva conforme o relato da Família 3, pois proporciona **orientação familiar** como o **apoio no combate às drogas, cursos de crochê e costura, oficinas de reciclagem e almoços gratuitos** às pessoas que pertencem à comunidade: *“Rosas elas ensinaram aqui, temo agora todas as terça, almoço temo tudo aqui na Pastoral. E agora garrafa forma as rosa. Daí sai. Direitinho as folinha depois tem um aramezinho sai direitinho, parece uma flor de verdade. A gente tem assim é a família que vai, cada um pur exemplo, que ti leva a ti pertence a nossa comunidade ai tu participa entendeu se tu tiver interessada em algum curso, temos crochê, temos custura, temo bastante coisa. É! O salão disso ai de catar lixo, mas ai é Nossa Senhora, escolheu ali é pra mora e aí ficou pra nós pra todo o pessoal da Vila. E aí ela falou que poucas mães tão levando os filhos. Que isso ai é pra tira os filhos das drogas”*(Dona Ema/ **Família 3**).

Diante da compreensão da importância da rede social como um indicador de proteção nestes contextos, também se faz necessário compreender as **PERCEPÇÕES DAS POLÍTICAS PÚBLICAS** pelas famílias participantes, tendo em vista que embora essas sejam elaboradas externamente ao ambiente familiar (exossistema), também desempenham influências indiretas no desenvolvimento desses grupos (microsistema) (GARCIA, 2007).

Os relatos apontam **aspectos negativos das políticas públicas**, com conseqüências nas vidas das famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos, pois sua ineficiência é percebida como indicador de riscos nestes contextos. Com relação à questão da **segurança pública** foi manifestada uma **visão crítica da abordagem policial** na Família 1, devido a **ausência de humanidade** na conduta dos policiais. Isto porque, quando prenderam o filho da Dona Ida em sua residência, por tráfico de drogas, toda a família sentiu-se em **situação de risco**, pela forma como trataram as netas, a filha, a líder desta família e o marido que vive na cadeira de rodas. *“Botaram todo mundo a sentar na rua, esse aqui tava dormindo e até ele botaram a sentar na rua. Não, só ali na Fernanda ali, no guarda-roupa, a pequeninha mandaram, a Fernanda e a pequenininha levantar. E ele disse não, eu acho que é melhor a*

senhora ir, e quando cheguei lá também falou a mesma coisa o cara esse” (Dona Ida/**Família 1**).

Durante as entrevistas em duas das famílias (nas Famílias 1 e 3) foi ainda manifestada uma **visão crítica com relação aos agentes comunitários de saúde**, pela falta de comprometimento percebida em alguns destes profissionais, com a ressalva de que nem todos são iguais: “*Vinha era a Dona Ilca. Mas agora aqui também nunca vieram*” (Dona Ida/**Família 1**). “*Mas nós tinha uma agente comunitária, mais ai ela se aposentou, mas essa foi importante, ela foi maravilhosa, pois se caso precisar sabe que tem a fulana, de repente precisa de um médico, a fulana vai ali e telefona e vem um médico*” (Dona Ema/**Família 3**). Entretanto, a Família 2, até mesmo desconhece a existência destes profissionais de saúde: “*O que, que é agente comunitário? Acho que não tem*” (Paula/**Família 2**).

Com relação à Família 2, surgiu uma **crítica à escola de educação infantil**, pois considera este **contexto hostil**, afirmando que a filha foi mal tratada pela professora, o que impossibilitou a mãe de deixá-la para poder trabalhar. Por esta razão ela leva a filha para acompanhá-la na rua durante a realização do trabalho de catadora: “*Já tinha tentado colocar ali, mas como essa aqui veio me falar, depois que já tinha passado que a professora perguntou, depois não adiantava mais já tinha passado. Ai ela não quis mais, ai ela gostava daqui ai eu peguei e botei ela aqui, a professora deu uns tapas nela e ela veio me falar depois ai começaram a perturbar ela e ela não podia fazer as coisa, levou material tudo direitinho ai começaram a maltratar ela, ai ela disse mãe eu não quero mais, ela não me disse o motivo entendesse mas ela disse, mãe eu não quero ficar mais, eu quero ir lá pro outro*” (Paula/**Família 2**).

Ainda no que tange à **PERCEPÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS** foi ressaltado mais um aspecto negativo pelas famílias entrevistadas e está relacionado à ausência de apoio aos catadores de resíduos sólidos urbanos, tais como a falta de direitos que possibilitem a esses trabalhadores informais o exercício da cidadania com dignidade. Sabe-se que a partir de 2002, a profissão de catador foi reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), através do Ministério do Trabalho e Emprego (PELISSER, 2010). Porém não lhes são atribuídos **direitos trabalhistas**, o que causa um **sentimento de descontentamento** das responsáveis pelos contextos familiares estudados, devido à **percepção de desvalorização do seu trabalho**. Além disso, segundo os relatos das entrevistadas, se evidencia a **ausência de programas de apoio social** direcionados às famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos no Município de Rio Grande, RS: “*É, eu tentei de tudo, mas não tenho conseguido nada*” (Dona Ida/**Família 1**). “*Não recebo ajuda nenhuma, não, não ganho nada. Não, os*

catadores não têm direito nenhum. É uma profissão igual à outra, mas não tem direito a nada” (Paula/ **Família 2**). *“Não! Não existe mesmo! Tu sabe que não, né! Eu acho que eles diviriam dar mais valor”* (Dona Ema / **Família 3**). Conforme Medeiros & Macedo:

“O fato dos catadores constarem na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO – poderia ser um indicativo que apontasse para o resgate da dignidade desses trabalhadores, inserindo-os no âmbito das políticas públicas. Porém, o que se observa é uma condição oposta, na qual o trabalho da catação é quase sempre desfavorável ao trabalhador” (2006, p.5).

Embora tenham surgido várias críticas na **PERCEPÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS**, foram ressaltados **aspectos positivos**, reforçados como possibilidades de enfrentamento das dificuldades. Em duas das famílias investigadas foram relatados fatos relativos ao **atendimento dos serviços de saúde** de seus membros, o que se institui como um **indicador de proteção** nestes contextos. Na Família 1 é verificado o atendimento ao marido de Dona Ida, que vive em cadeira de rodas, devido ao encaminhamento realizado pela **assistente social**, que conseguiu a ambulância para a realização do tratamento que ele necessita para os rins, entre outros **serviços de saúde**: *“A assistente social que ta encaminhando, pra ver se ele consegue arrancar o dente”* (Dona Ida/ **Família 1**). Enquanto que na Família 2, quando a filha fica doente existe um **encaminhamento** realizado pela **escola de ensino fundamental** aos **serviços de saúde**, o que segundo a responsável por este ambiente familiar serve como apoio á sua família. *“Não eu tenho tido atendimento que eu arrumei aqui mesmo no colégio pra minha guria ai. É pela escola ela é encaminhada, daí tão me atendendo ela. Tem aquela acho que é Andréia o nome dela”* (Paula/ **Família 2**).

Quanto ao **atendimento da escola de ensino fundamental**, observa-se uma **visão positiva** de duas das famílias sobre as mesmas. Nestas, estudam as filhas e isto é constatado pela **permissão e aceitação da presença das mães** nestes ambientes: *“Eu subo escada pra levar, são tudo quietinho, é tal hora, tem um carinho pela professora Vânia queria que tu visse”* (Paula/ **Família 2**). *“A gente fez um trabalhinho que o colégio mandou fazer que qual o sonho que a mãe tinha para o filho, ta ali? Eu fui lá com a minha guria eu tenho. Ah eu gostei. Ai eu gostei e elas também gostaram”* (Dona Ema/ **Família 3**).

Em uma das famílias se evidencia a importância do **apoio financeiro da escola de educação infantil** na aquisição do material didático diante das dificuldades vivenciadas pelo grupo familiar: *“Pro coleginho, ela ganho, lápis, caderno, mochila ela ganho, é o que eu não tinha como dá pra ela, porque tava sem dinheiro. Tem porque ela ganho”* (Fernanda/ **Família 1**). Além dessas informações sobre os contextos escolares, também se percebeu que existe uma visão positiva da Família 3 com relação à uma escola do Município que oferece **EJA**

(**Educação de Jovens e Adultos**) , como possibilidade de (re) inserção dos adultos no ensino: *“Como era um projeto que eles falava. Ah, eu esqueci porque era o nome eu esqueci. Depois de adulta. Projeto VEJA. Era o colégio era ótimo”* (Dona Ema/ **Família 3**).

Das famílias entrevistadas, foi evidenciado que duas ganham o **apoio da bolsa família**, sendo este, o único benefício que essas recebem do governo: *“Ganho bolsa família”* (Paula/ **Família 2**). *“Meu único benefício, que eu ganho é o bolsa família. É ajuda...eu compro caderno, lápis, borracha, o que precisa pro colégio. Não é muito, mas ajuda”* (Dona Ema/ **Família 3**).

Além da complexa **REDE SOCIAL**, que se constitui como um possível **indicador de proteção** de fundamental importância para a resiliência nestas famílias, também se faz necessário conhecer as crenças existentes nestes contextos, que as fortalecem e as preparam para enfrentar acontecimentos futuros que podem se constituir em situações de crise.

3.1.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA VISÃO POSITIVA DA VIDA: UMA LUZ DIANTE DA CRISE

A fala das responsáveis pelas famílias entrevistadas denota que essas buscaram se fortalecer diante das crises de suas vidas, **COMPREENDENDO AS DIFICULDADES ENFRENTADAS** ao longo do tempo. Isso foi realizado segundo as categorias dos relatos, por uma **visão positiva da vida**, para “driblar” o sofrimento e a angústia. Deste modo, essas famílias “caíam e se erguiam” buscando construir novos momentos em suas histórias alimentados pela **expectativa de um futuro melhor**. De acordo com Walsh “[...] a resiliência e o crescimento fazem os membros da família enfrentarem o passado e integrarem esse entendimento significativo a suas vidas atuais e as suas esperanças e sonhos futuros” (2005 – b, p.52). Dessa forma, se percebe no relato das entrevistadas, que mesmo diante da crise, essas buscam energia de diferentes maneiras sempre em busca de **ELEMENTOS DE FORÇA PARA A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**, como a **coesão/ valorização familiar**, a **doutrina religiosa** associados aos **atributos individuais** de cada componente da família.

As diferentes histórias das três famílias demonstram que diante das adversidades, elas tiveram que ter **perseverança** e **aprender novas possibilidades de enfrentamento**, para que pudessem se reerguer espiritualmente diante das situações de crise existentes em suas vidas. Segundo Walsh “a perseverança – capacidade de “enfrentar bem” e persistir diante da adversidade opressiva – é um elemento fundamental na resiliência” (2005 – b, p. 58). A partir da **coesão/ valorização familiar**, surgiu um encorajamento das responsáveis por estes grupos,

o que possibilitou atitudes e sentimentos de perseverança ao longo das suas trajetórias de vida: *“É tendo apoio de toda família, se unindo. Desejo que todos tenham uma boa vida”* (Dona Ida/ **Família 1**). *“Eu sei que essa aqui fica preocupada comigo fica com medo que eu não vá chega. A outra não, mas essa aqui fica. Eu digo não, não te preocupa que a mãe vai volta. Não sei se ela ta acostumada sempre perto de mim. Sempre junto, nem quero elas separada uma da outra, sempre na mesma escola, sempre unidas”* (Paula/ **Família 2**). *“Eu sempre ajudei a mãe, ajudei a criar vocês tudo, pois eu era a mais velha. O que eu me lembro da minha vida é isso aí. Eu acho a minha história tão bonita, tu sabe? Uma que é que meu pai na lavora, a gente ia buscar a pé arrancar arroz, o pai fazia um buraco no meio, a gente arrancava e comia com casca e tudo, tá aí a Inês que não me deixa mentir”* (Dona Ema/ **Família 3**).

Na Família 1, Dona Ida, procurou estratégias familiares, como a **união** junto as irmãs, buscando o apoio para superar a situação de risco em seu ambiente familiar, decorrente da prisão do seu filho: *“É tendo apoio de toda família, não é fácil, se unem”* (Dona Ida/ **Família 1**). Enquanto que na Família 2, Paula percebeu durante o diálogo com a equipe de pesquisa, a sua própria mudança de comportamento ao longo do tempo, diante dos ensinamentos que a vida lhe trouxe. Essa atualmente percebe a vida como uma escola de ensinamentos, pois reconhece que aprendeu ao longo de sua trajetória através das situações de crise, se fortalecendo e compreendendo a vida a partir de uma **visão positiva**: *“Eu sou que nem tu assim, mas eu sou bem positiva, se eu vejo que não dá, que o troço não vai indo já era, em tudo, eu não sou mais aquele tipo de pessoa de chora, eu era muito chorona. Então eu aprendi a vida, eu aprendi, eu sei o que é a vida, a vida é uma escola de ensino”* (Paula/ **Família 2**). Já na Família 3, Dona Ema relata a sua **COMPREENSÃO DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS** desde a **infância** que se constituíram em determinados momentos como risco ao seu desenvolvimento pessoal e social, como a situação de **fome** superada junto ao grupo familiar e também de **racismo**, o que levou a sua exclusão dela e de suas irmãs, Ida e Inês, do contexto escolar: *“O meu pai nos colocou no colégio mais não aceitava por causa da nossa cor de negra, porque eu digo negra, pra mim mesma não é ofensa né? Tu chegasse a ir lá no colégio né Inês? Negro não sabia agarrar um lápis, negro não sabia agarrar um caderno. Não era assim, mas era assim. E nego não sabia nada”* (Dona Ema /**Família 3**). Entretanto, mesmo que tenham sofrido com a **evasão escolar**, decorrente do **preconceito** e **racismo** enfrentados na **infância**, as três irmãs, Ida, Inês e Ema, retornaram aos estudos depois de adultas, enfrentando as mágoas do passado, escrevendo uma nova página em suas vidas, bem mais repleta de esperança, graças ao novo sentido atribuído

às dificuldades. Essa reinserção no ambiente escolar, segundo o relato de Ema possibilitou a ela uma **maior auto-estima**, embora ela reconheça que apresenta dificuldades de aprendizagem: *“Por isso que ta sendo muito difícil, né? Tudo é diferente. Só tem uma coisa, o que eu pegar eu faço qualquer curso que é uma maravilha”* (Dona Ema / **Família 3**).

De acordo com as experiências narradas pelas entrevistadas ao longo dos encontros foram identificados alguns aspectos relacionados a outro processo-chave da teoria de Walsh sobre a resiliência familiar, os sistemas de crenças, assim descrito pela autora:

“Os sistemas de crenças estão no cerne de todo funcionamento familiar e são forças poderosas na resiliência. Enfrentamos as crises e as adversidades extraindo significados da nossa experiência: vinculando-a ao nosso mundo social, as nossas crenças culturais e religiosas, ao nosso passado multigeracional e às nossas esperanças e sonhos para o futuro” (2005 – b, p. 43).

Ao perguntar sobre os maiores **valores cultivados** no ambiente familiar, às chefas destes grupos familiares, associaram a presença das crianças e dos adolescentes: *“Eu acho que as crianças né...”* (Dona Ida/ **Família 1**). *“Tu dando carinho, tu dando amor, tu dando atenção”* (Paula/ **Família 2**). *“Ah, o amor e amizade”* (Dona Ema/ **Família 3**). Nos relatos se percebe que, embora as três líderes dos contextos pesquisados tenham baixa escolaridade, elas percebem **o estudo como a esperança de um futuro melhor** para as crianças e adolescentes que integram suas famílias, sendo este, identificado como um dos **ELEMENTOS DE FORÇA PARA A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**: *“Tem que ter estudo né...”* (Dona Ida / **Família 1**). *“Eu quero que ela prossiga entendesse, eu faço de tudo pra ela prosseguir, eu quero o que eu não pude ser, o que elas pode ser, elas têm todo um futuro pela frente. Elas são nova ainda se tu não tiver estudo”* (Paula/ **Família 2**). *Porque sem estudo não dá nem pra catar lixo hoje em dia né!* (Ema/ **Família 3**). Nas Famílias 2 e 3, o estudo reforça a expectativa de um futuro melhor para as filhas em contraposição a realidade vivenciada pela mãe. Garcia (2007), Yunes e Szymanski (2006) e, Yunes (2001) em suas pesquisas obtiveram resultados semelhantes, os quais indicaram que o estudo é valorizado pelas famílias, como esperança de “tornar-se alguém”, na busca por uma melhor qualidade de vida, tendo em vista as necessidades sociais que emergem nestes contextos.

Os relatos das famílias evidenciaram algumas características da dinâmica familiar que ressaltaram a presença de outro processo-chave da teoria de Walsh (2005- b): os processos de comunicação. Esses ocorrem em uma **modalidade dialógica**, a partir da qual os integrantes destes grupos familiares buscam esclarecer as informações compartilhando-as entre si: *“Eu sempre digo né? É o que eu sempre digo pras guria. Os nossos amigo, a gente tem que ter reunido não só com os irmão, mas com os amigo também, porque de uma hora pra outra a*

gente pode precisar de um amigo, um apoio” (Inês/Família 1). “A gente conversa eu e o pai dela aqui, agente conversa com elas, sem estudo a pessoa não é nada, que com estudo já é difícil” (Paula/ Família 2). “Eu disse isso pra elas eu quero que elas sejam melhor do que eu. Tem que estudar pra ser alguém” (Dona Ema/ Família 3).

A **doutrina religiosa** foi identificada nas Famílias 2 e 3, como um indicador de proteção nos processos familiares, pois a partir dela encontraram força através da fé, se constituindo como mais um dos **ELEMENTOS DE FORÇA PARA A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES**: *“Ah eu me ajoelho e peço pro senhor Jesus me ajuda. A minha fé é forte e Deus me responde. Diante das dificuldades foi a que me senti melhor ali entendesse? Claro, eu sei que as outras tudo são iguais e coisa, mas eu me senti mais fortificada, mais forte ali sabe diante de problemas, por mais, diante de dificuldades” (Paula/ Família 2). “O papel da religião na minha vida é muito importante, porque muito tem me ajudado, assim quando eu tive nos momentos mais difícil, eu me peguei com a Nossa Senhora, quando eu tava passando por um problemão. Eu falei se a Senhora me ajudar, nunca vou me esquecer, eu quero que a Senhora me dê serviço, e ela me deu e ai eu acompanho todos os anos a procissão dela” (Dona Ema/ Família 3).*

“Os recursos espirituais que provem da fé e de práticas como a oração e a meditação, além da adesão a congregações religiosas, tem se mostrado como fontes importantes para alcançar a resiliência” (WERNER & SMITH apud WALSH, 2005-a, p. 11).

As Famílias 1 e 2 encontraram fortalecimento na **doutrina religiosa** da **Igreja Evangélica**, como se pode perceber em seus relatos: *“Umam senhoras vinham orar” (Dona Ida/ Família 1); “Não vou mentir, eu gosto da universal...Eu acho importante que pras minhas gurias é bom, porque elas buscam Deus né e vem bem de lá entendesse. Eu gosto, e é a única que eu vo, que eu me habituei entendesse?Passei pelas dificuldades, tive forças de Deus ali” (Paula/ Família 2). Enquanto que a responsável pela Família 3 encontrou apoio na **doutrina religiosa** da **Igreja Católica**, existindo uma **valorização pessoal** por participar deste contexto: *“No domingo passado eu fui à missa ali e eu cheguei e disse pra eles e eles me deram um papel pra mim pega comida, daí lá vem eu com o marmitex com as comida. No sábado tem festa junina, já até me convidaram queres vim?” (Dona Ema/ Família 3).**

Além da compreensão das relações existentes nos contextos estudados a partir de uma visão positiva da vida, com foco na resiliência familiar, também se faz necessário entender a realidade da profissão de catador da de resíduos sólidos urbanos, tendo em vista a problemática socioambiental que envolve a temática sobre o “lixo”.

3.2 A REALIDADE DA PROFISSÃO DE CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS SOB A ÓPTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neste eixo serão abordados aspectos relacionados à profissão de catador de resíduos sólidos urbanos a partir de um olhar ecológico da realidade socioambiental atual. Dessa forma, ressalta-se que a questão ambiental é cada vez mais central e indissociável das tradicionais questões sociais do trabalho e da renda (ACSERALD, 2005). Partindo desses pressupostos, a seguir serão discutidos os resultados evidenciados nos relatos das famílias participantes sob a óptica da Educação Ambiental.

3.2.1 – UM “OLHAR ECOLÓGICO” SOBRE O TRABALHO DE CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Os relatos das três catadoras de resíduos sólidos urbanos, líderes das famílias participantes desta pesquisa, evidenciam que diante das **DIFICULDADES ENFRENTADAS**, essas encontraram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho formal, devido a fatores como a **baixa escolaridade**, a **condição social** (relacionada à falta de oportunidades e de apoio) e as **limitações na disponibilidade de tempo**, pela necessidade de cuidado com a família. Tais elementos as impediram de ter uma **ATIVIDADE DE TRABALHO FORMAL E RENDA ESTÁVEL**. Esta problemática socioambiental influencia diretamente o desenvolvimento dessas famílias: *“Não, eu saio aqui pertinho eu não posso ir longe por causa dele. Quando eu vo na diálise com ele, eu volto catando... Não caminha, não, não caminha. É na cadeira de rodas, é na cadeira de rodas, ele dá uns passinhos no andador, mas não caminha bem”* (Dona Ida/ **Família 1**). *“Porque eu trabalhava em fábrica e outra né e acho que não tem outra alternativa, porque as pessoas não te dão serviço, não te dão mais uma confiança, ai não querem que tu leve criança e eu fico só com essa aqui né, aquela vai pro colégio, então não querem que tu leve criança e eu tenho que levar ela né, ela não encomoda, vai comigo sentada ela fica. Ela fica esperando eu terminar meu serviço”* (Paula/ **Família 2**). *“Eu disse isso pra elas eu quero que elas sejam melhor do que eu, porque sem estudo não dá nem pra catar lixo hoje em dia né! Tem que estudar pra ser alguém”* (Dona Ema/ **Família 3**).

Alguns autores associam o crescimento no número de catadores de resíduos sólidos urbanos às crescentes exigências para o acesso ao mercado formal de trabalho, e também ao aumento do desemprego. Para eles, alguns “trabalhadores da catação” constituem uma grande

quantidade de desempregados, que, por sua idade, condição social e baixa escolaridade, não encontram lugar no mercado formal de trabalho (MAGERA, IPT & MIURA apud MEDEIROS & MACEDO, 2006).

Embora essas famílias vivenciem muitas adversidades é importante ressaltar que as **CARACTERÍSTICAS DA PROFISSÃO DE CATADORA** surgem nestes contextos como apoio para o sustento familiar e mais uma possibilidade de proteção diante das adversidades, do desemprego, e da conseqüente situação de pobreza e de exclusão, decorrente das desigualdades existentes na atual sociedade: *“Acho que, tá juntando porque não pode arrumar outro serviço né? Não tinha as coisas né...”* (Dona Ida / **Família 1**). *“O que foi importante pra mim, isso me ajuda sempre, porque tem um troquinho no bolso se faltar pão eu tenho pra comprar o pão, me ajuda muito. Me dá uma luz diante das dificuldade não me falta coisa, me ajuda muito, não só comprando coisa pra dentro de casa, me dá uma baita de uma força resolveu coisas pequenas”* (Paula/**Família 2**). De acordo com Romansini (2005) “é neste contexto de desamparo que aparece a catação, como salvação da miséria, como uma maneira possível do catador conseguir emprego e renda para o seu sustento e de sua família” (p. 57-58).

Cabe destacar que a realização dessa atividade se constitui como uma possibilidade de complemento da renda familiar, pois as famílias recebem apoio financeiro de outros contextos ecológicos. Isto porque, na Família 1, o marido de Dona Ida recebe seu pagamento por estar encostado, devido aos seus **problemas de saúde**. Porém esse dinheiro não supre as necessidades de todos os membros do grupo familiar. Então Dona Ida busca na profissão de catadora uma alternativa de renda. Já na Família 2, Paula recebe o apoio financeiro do pai de suas filhas para conseguir realizar o pagamento de suas contas mensais: *“É tenho a ajuda dele também, geral paga conta, aluguel, paga luz, se não tivesse o apoio acho que não dava”* (Paula/ **Família 2**). Já na Família 3, Dona Ema além de trabalhar como catadora, também cuida de uma senhora para conseguir aumentar sua renda e melhorar a qualidade de vida da sua família: *“Eu tenho que cuida uma senhora de idade”* (Dona Ema / **Família 3**). Entretanto essa reconhece **a importância de sua inserção na profissão de catadora**, pois ela diz que antes de cuidar essa senhora, estava desempregada e encontrou nesta atividade a **possibilidade de sustento** da sua família.

Assim, diante da situação de desemprego vivenciada ao longo de suas trajetórias de vida, as responsáveis pelos três contextos familiares realizam ou já realizaram diferentes serviços na busca por uma **ATIVIDADE DE TRABALHO FORMAL E RENDA ESTÁVEL**, interagindo em diferentes contextos ecológicos para que pudessem ter uma

possibilidade de sustento de suas famílias: “Ah... *Eu, eu desde mocinha. Eu era faxineira, trabalhava de ajudante, de tudo um pouco*” (Dona Ida/ **Família 1**). “*Eu faço limpeza, com reciclagem, faço...em geral, bota ai serviços em geral*” (Paula/ **Família 2**). “*E depois eu de copeira, de babá, babá eu fui e cuidei de crianças maior do que essas aqui, depois eu fui copeira aqui na cidade. Eu fui e depois era só limpeza aqui nas casa de família, eu não parava em serviço nenhum*”(Dona Ema/ **Família 3**).

Um fato importante encontrado na trajetória de vida das três catadoras consiste na inserção dessas mulheres em atividades laborais desde a infância ou adolescência: “Ah... *Eu, eu desde mocinha trabalhava*” (Dona Ida/ **Família 1**). “*Ah comecei a trabalhar muito cedo... Trabalhei assim em fábrica, trabalhava em fábrica... Acho que com uns 14, 15 anos já trabalhava*” (Paula/ **Família 2**). “*A minha mãe tinha hotel era eu e a Inês que ajudava, ajudava a fazer comida te lembra?*” (Dona Ema/ **Família 3**). Gonçalves também evidenciou resultado semelhante, ao realizar sua pesquisa com catadores de resíduos sólidos, como se pode perceber na seguinte afirmação “o trabalho e a responsabilidade pelo seu próprio sustento iniciam na infância ou na adolescência” (2005, p. 108).

Outro aspecto evidenciado na fala das responsáveis pelas Famílias 1 e 2 está relacionado à **mudança na economia do Município de Rio Grande - RS**, que segundo elas está **diferente de antigamente**, pois antes existia uma maior possibilidade de emprego: “Ah , *antes era mais fácil. Ah hoje ta tudo difícil*”(Dona Ida/ **Família 1**). “*As fábricas tão tudo fechadas, assim as fábricas não tão te pagando o que te pagavam antigamente, pra ti ganhar pouco tem que trabalhar um monte e chegar aqui toda cansada, pra ti ganhar o que cinqüenta pila, quarenta pila, não vale à pena, entendeu, não é que tu queira escolher*” (Paula/ **Família 2**).

Nessa perspectiva, se torna importante conhecer as percepções das famílias sobre a prática desta atividade, tendo em vista as possíveis dificuldades enfrentadas na realização desse trabalho.

3.2.2 PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES SOBRE A REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE CATADOR

De acordo com o relato das participantes da pesquisa, as principais **DIFICULDADES ENFRENTADAS** na **realização da atividade de catadora** estão relacionadas ao **baixo preço dos resíduos sólidos** e ao **aumento do número de catadores**, o que leva a alta concorrência e a escassez dos materiais: “*Dá, dá... Quando dá bastante dá 5, dá 10, aí eu tiro*

o dinheiro do dia-a-dia...” (Dona Ida/ Família 1). “Me sinto bem, é até uma coisa que gosto, só gostaria que aumentasse. Isso, isso mesmo é que aumentasse” (Paula/ Família 2). “As dificuldades que agora eu passo é que é difícil catar, é muita gente... A gente não tá conseguindo mais, primeiro tinha até demais, tanto jornal, tanta revista, papelão agora, nem isso. Nem nas padaria, que eu tinha sempre pra catar. Nem nas padarias antes davam as caixinha de leite. Tu tem que sair bem cedo senão não acha” (Dona Ema/ Família 3).

Entre os **resíduos sólidos comercializados** foram citados as **latas de refrigerante** (metal), as **garrafas PET** (plástico), o **papel**, o **papelão**, as **revistas** e o **jornais**. De acordo com as famílias participantes as **latas de refrigerante** (metal) são as que geram **maior lucro**. Conforme Romansini (2005), os catadores trabalham coletando materiais como papelão, papel, plástico e o metal (principalmente o alumínio).

Na **realização da atividade de catadora**, as responsáveis pelas famílias relataram algumas características e situações que podem se constituir em **condições de risco** neste trabalho. São: a **possibilidade de atropelamento, contaminação por substâncias tóxicas, corte com caco de vidro e contato com material hospitalar**. Na Família 2, a filha de sete anos de idade, acompanha a mãe para a realização da atividade e também se sujeita a estes riscos, como se pode observar em sua fala ao participar da entrevista: *“A única coisa ruim é andar naquelas pedra. E também quando mexe no lixo, pode ter um caco de vidro e se cortar”* (Gisele/ Família 2). De acordo com Zacarias e Bavaresco “eles têm os seus corpos expostos à contaminação de produtos químicos, materiais perfurocortantes, animais mortos, lixo hospitalar, além de acidentes por atropelamento em vias públicas” (2009, p.303).

Mesmo conhecendo os possíveis riscos que existem ao realizar o trabalho, ao perguntar se as entrevistadas utilizavam **equipamentos de proteção**, todas responderam que não usavam. Por aí, percebeu-se nas falas que elas denotavam consciência das **relações de exploração** existente na sociedade vigente, relacionadas ao processo de reciclagem, pela falta de apoio e proteção no exercício da atividade, o que gera **sentimentos de descontentamento e desvalorização do trabalho**: *“Pois é, é,é... Dava um monte, dava um monte, um monte, um monte o papelão e agora baixo tudinho, né... papelão nem junto muito que faz muita sujeira”* (Dona Ida/ Família 1). *“Sim, às vezes fico chateada, porque eles abaixam demais te dão o que querem. Daí eu fico desmotivada, lá do outro eu me desmotivei. Me desmotivei de lá porque o troço uma hora te dão três outra hora te dão quatro, te dão o que querem na hora que querem vende, então não dá. Justamente eles dão o que querem. Ai no caso aquilo que tu tinha que ganha, se tive que fica com algum, eles ficam com algum pra eles e tu não sabe quanto é pois eles tão te dando o que querem”* (Paula/ Família 2). *“Não adianta ele diviriam*

dar mais valor, porque foi onde eu passei a ganhar honestamente né minha filha. É um dinheirinho que a gente pega, ganha pouco” (Dona Ema/ **Família 3**).

Em sua pesquisa, Romansini (2005) ressalta que um dos aspectos que lhe despertou o interesse para realizar o estudo foi à exploração a qual o catador está exposto, uma vez que, o atravessador (sucateiro) paga a eles um preço irrisório pelos materiais recicláveis.

Apesar da expressão das dificuldades para realizar o trabalho, detectada na fala das três catadoras, fica evidente que essas mulheres não se preocupam com o olhar das outras pessoas no que se refere ao desempenho de sua atividade laboral no contexto da rua, e existe **profissionalismo e comprometimento** no seu papel de responsáveis pelo grupo familiar: *“Acho que, tá juntando porque não pode arrumar outro serviço né? É eu achei, ah, não to roubando né”* (Dona Ida/ **Família 1**). *“Eu não to nem aí se tão me olhando, se eu to saindo com um sacolão, pra mim é um serviço normal como qualquer outro”* (Paula/ **Família 2**). *“Acho importante, porque a gente não tá catando só pra deixa num canto, a gente tá dando valor”* (Dona Ema/ **Família 3**).

Conforme Miura (2004) tornar-se catador pode ser também fonte de alegria. De um lado, pela possibilidade de o indivíduo recuperar a própria dignidade ao se inserir e ser reconhecido socialmente como trabalhador honesto, distinto. De outro lado, por lhe dar a oportunidade de organizar-se e mobilizar-se na luta por melhores condições de trabalho e de vida.

Após essas reflexões será realizada uma relação entre a Educação Ambiental e a profissão de catador de resíduos sólidos a partir da realidade socioambiental vivenciada.

3.2.3 A VISÃO POSITIVA DA PROFISSÃO DE CATADOR DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Mesmo compreendendo as dificuldades enfrentadas no cotidiano das famílias de catadores, se faz importante conhecer as relações positivas evidenciadas nas **CARACTERÍSTICAS DA PROFISSÃO DE CATADORA**, a partir de um olhar contextualizado da vida dessas famílias em sua diversidade e complexidade (ALMEIDA, 2004). Partindo desse pensamento, se pode perceber através das entrevistas, que ao realizar seu trabalho, as famílias se compreendem como **parte integrante da natureza** e reconhecem a importância da atividade da reciclagem para o ambiente: *“Não, mas não viste esses dias deu na televisão, o rapaz, a moça perguntou, ele fez uma casa nova assim né, com as coisas que*

*juntou” (Dona Ida/ **Família 1**). “O meio ambiente tu diz, eu acho que ajuda a limpar... Sim, pra mim é um ambiente tu manter limpo né?” (Paula/ **Família 2**). “Não deixar lixo atirado. Porque é importante na minha opinião, ta ajudando a limpar a cidade, esses dia até falaram até, numa entrevista falaram aí é pra deixar o ambiente mais limpo e conservado. Eu ouvi num rádio eu acho que era... E eu acho assim que todos nós temo que tentar amar a natureza cuidar direitinho, lixo no lixo e o que dá pra aproveitar e fazer um dinheirinho honestamente” (Dona Ema/ **Família 3**).*

Assim, as famílias apresentam uma visão socioambiental da realidade que integra o ser humano à natureza, a partir da percepção de si mesma enquanto ambiente. Reigota vem contribuir com esta ideia em seu conceito de meio ambiente:

“O lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído” (2007, p.14).

Ao perguntar para as Famílias 1 e 3 sobre uma **situação boa** associada a **realização da atividade de catadora**, elas citaram os objetos encontrados nas lixeiras durante seu trabalho, relacionando esse fatos a algo positivo e importante em função de sua falta de recursos: *“O que eu gostei mais foi que eu achei um rádio, que eu achei aqui no lixo, um liquidificador, também achei no lixo”*(Dona Ida/ **Família 1**). *“Uma coisa boa! Já achei um, uma chalera tão bunita de apitá e ai não tava apitando e ai eu fui bota água, tá apitando, tão boa!* (Dona Ema/ **Família 3**). Enquanto que, na Família 2, uma **situação boa** associada a **realização da atividade de catadora**, foi relacionada a saída da situação de desemprego: *“Reagimos super bem, sem problema nenhum foi uma amiga minha que me ensinou, depois ela parou... Então foi ela quem me ensinou então eu peguei rapidinho. O que foi importante pra mim, foi isso que me ajuda sempre”* (Paula/ **Família 3**).

O fato das crianças acompanharem as suas responsáveis para realizar o trabalho de catador foi o que instigou, a priori, a realização desse estudo. Isto, porque existiu uma preocupação com as crianças e adolescentes que vão para a rua juntos com seus familiares, o que no início, parecia pleno de riscos na percepção das pesquisadoras. Entretanto, a partir do relato das famílias participantes da pesquisa, se compreendeu que nas Famílias 1 e 2, o fato de realizar o trabalho na rua é percebido como **possibilidade de diversão e de passear** pelas netas e filhas das líderes destes grupos familiares, respectivamente. Essas acompanham as responsáveis e, às vezes, as ajudam na realização do trabalho: *“Elas ajudam, né bebê? Ajudam a vó né... Vão, vão, vão sempre! Às vezes quando eu não quero ir elas me xingam:*

vamos, vamos! Vó, vamos, vamos vó! Querem ir pra rua” (Dona Ida/ Família 1). “Mas ela pega uma garrafa, bota uma roupa velha, ai ela pega garrafa, gosta de pegar coisas papel, eu digo não, isso não dá pra levar pra casa entendesse até gosta pra elas é diversão também. É elas gostam né, ai até deixo” (Paula/ Família 2). Na Família 3, as filhas não acompanham a mãe no trabalho.

No que se refere à **percepção das crianças sobre a profissão de catadores**, na Família 1, as netas sugerem que é uma **possibilidade de passear e brincar**, pois ao perguntar se elas gostavam de sair para realizar a atividade, balançavam a cabeça, fazendo sinal que sim, e sorriam. Enquanto que, na Família 2, a filha de sete anos falou sobre a realização da atividade, relacionando-a a **possibilidade de brincar**: *“A gente chega acha até acha joguinho. A gente pego o esmalte da mãe e boto com tudo, colamo” (Gisele/ Família 2).*

Ao contrário da idéia inicial deste estudo, o fato dessas famílias estarem na rua é algo percebido como positivo por elas. Na visão ambiental, a rua se constitui em mais um contexto ecológico que influencia o desenvolvimento dessas famílias. Estar na rua, nestes grupos familiares é uma possibilidade de coesão, de ficar junto, de estarem unidos em busca do sustento e da sobrevivência. Dessa forma, o trabalho se constitui como oportunidade de manter o cuidado e proteção de todo grupo familiar. É nesta perspectiva que a Educação Ambiental se faz presente pela valorização de cada grupo familiar como singular, que detém sua própria cultura e costumes. Entretanto, compreendendo que esse mesmo contexto familiar singular se relaciona de maneira sistêmica com os outros ambientes sociais, sendo considerado dinâmico e aberto, na construção de novos caminhos repletos de luz e de energia positiva.

Embora esses grupos vivenciem situações de vulnerabilidade socioambiental devido à situação de desemprego e pobreza, conseqüentes das desigualdades existentes na atual sociedade é importante buscar através dos estudos em Educação Ambiental a valorização desses grupos familiares. O fortalecimento das famílias participantes da pesquisa foi ressaltado por aspectos positivos de suas trajetórias. As famílias puderam reescrever novos capítulos em suas vidas com letras repletas de esperança e de otimismo na busca por um futuro melhor. Assim, reitera-se o papel da Educação Ambiental para colaborar na construção de estratégias sociais e novas políticas públicas que tragam uma melhor qualidade de vida a esses trabalhadores informais e seus grupos familiares. Compreender a vida destas famílias, enquanto contextos sociais, dinâmicos e abertos, equilibrando-se ecologicamente na relação com os outros ambientes é primordial.

3.2.4 REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA INSERÇÃO ECOLÓGICA NOS ESTUDOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No início, as famílias se mostraram desconfiadas e curiosas para saber o objetivo do estudo, o porquê e para que fazê-lo? Mas com o passar do tempo foram sendo construídos laços de confiança, se constituindo uma **relação mútua de amizade** entre os participantes da pesquisa. A cada encontro o pedido para que as pesquisadoras voltassem era incessante, isto porque, as relações se tornaram mais duradouras e afetuosas. *“Que bom né, que tu gostou de mim”* (Dona Ida / **Família 1**). *“Quando quisé volta aqui na minha casa pode volta. Não tem problema”* (Paula/**Família 2**). *“Eh! Nós tudo te adoremos, tu é uma pessoa legal!”* (Dona Ema / **Família 3**).

Um dos aspectos a destacar sobre as entrevistas realizadas na **RELAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES DA PESQUISA** consiste na **importância do diálogo** para o **fortalecimento pessoal**, pois se pode perceber na fala de algumas participantes da pesquisa uma **auto-imagem mais positiva**, decorrente da valorização por terem tido a oportunidade de serem ouvidas. *“Que bom né, que tu gostou de mim”* (Dona Ida / **Família 1**). *“Não pra mim tá ótimo, é até bom que eu gosto de conversar. Não, não tem problema nenhum”* (Paula/**Família 2**). *“Pô e bota apoio nisso, precisava que tu visse, um dia agora que tu tiver as tuas férias, eu vô ti leva lá, tu vai gosta”*(Dona Ema/ **Família 3**) .

“A concordância em participar como informante, de uma pesquisa, já é indicador de uma intencionalidade por parte do entrevistado – pelo menos a de ser ouvido, acreditado e considerado, o que caracteriza o caráter ativo de sua participação enquanto desenvolvimento de modos de influenciar o/a interlocutor/a” (YUNES & SZYMANSKI, 2005).

Na Família 2 por já haver uma interação junto às pesquisadoras desde o Programa de Educação Familiar, existiu um fortalecimento da **RELAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES DA PESQUISA**. Dessa forma, possibilitou-se uma **relação de reciprocidade**, conforme a fala da responsável: *“Aí eu quero mostrar uma coisa pra vocês perai. Perai só um poquinho. Tá por escrito, eu achei importante mostra isso aí pra vocês, porque vocês falaram sobre família. Como é que se ganha o nenê, entendesse? Oh tá até meio amarelado de tá guardado oh, contração e ritmia de crescente intensidade, oh, aqui oh, como é que tu te senta pra ganhar o nenê, depois do nenê formado entendesse? Aqui quando a mulher ganha o nenê oh, normal oh. Tu qué fica com um desses aqui pra ti?”* (Paula / **Família 2**).

Esse **laço de amizade** construído ao longo da pesquisa junto às famílias, visando um trabalho de fortalecimento nesse contexto, foi uma das principais conquistas dessa pesquisa ao

longo do tempo, pois a **RELAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES DA PESQUISA**, incluindo pesquisadoras e integrantes das famílias, se tornou **duradoura** e **recíproca**, marcando a existência dos processos proximais.

“Ao longo do curso de vida, o desenvolvimento humano acontece através de processos de interações recíprocas progressivamente mais complexas entre um organismo vivo ativo, em evolução psicológica, e pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente externo imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer numa base consideravelmente regular, através de longos períodos de **tempo**. Tais formas duradouras de interação no ambiente imediato são definidos como **processos proximais**” (PRATI *et al.*, 2008, p. 161).

Assim, a Metodologia da Inserção Ecológica teve importância fundamental nas relações construídas ao longo do tempo da pesquisa, pois a partir de um olhar ecológico diante da realidade dessas famílias, emergiu a possibilidade de compreender seus ambientes como um sistema aberto e dinâmico, sujeito a alterações na relação com os outros contextos sociais. Dessa forma, através da compreensão da história de vida familiar em relação com o trabalho de catador, se pode buscar por meio de relações recíprocas, o fortalecimento e valorização dos grupos familiares que participaram deste estudo.

Ademais, ao utilizar esta metodologia, o Educador Ambiental tem papel fundamental no reconhecimento e valorização das famílias que vivem em situação de vulnerabilidade socioambiental, se constituindo como parte da rede social que influencia o desenvolvimento dessas populações. Mauro Guimarães contribui com esta reflexão, quando afirma:

“O ambiente educativo não é o espaço físico escolar. O ambiente educativo se constitui nas relações que se estabelecem no cotidiano escolar, entre escola e comunidade, entre comunidade e sociedade, entre seus atores... portanto é movimento complexo das relações. O educador ambiental como liderança percebe o ambiente educativo como movimento e, ao se inserir criticamente nesse movimento, será capaz de dinamizá-lo em uma perspectiva crítica. É esse o seu ambiente de educador, que se movimenta dentro do real; que nos mostra os limites e o ideal; que descortina as possibilidades; que estabelece relações entre o micro e o macro; entre o local e o global. É o ambiente da realização de sua práxis, de participação no processo de conscientização individual e coletivo”(2004, p. 142-143).

Assim, busca-se a partir da pesquisa, construir ações coletivas, que tragam novos valores culturais e políticas sociais que influenciem de maneira positiva as famílias que vivem em situação de risco, na busca por transformações realizadas de forma significativa (pela força da sinergia), em um movimento coletivo conjunto de intervenção (pela práxis) sobre a sociedade (GUIMARÃES, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em transformado o espaço, os meios natural e social, o homem também é transformado por eles. Assim o processo criativo é externo e interno (no sentido subjetivo). As transformações internas e externas caracterizam a história social e a história individual onde se visualizam e manifestam as necessidades, a distribuição, a exploração e o acesso aos recursos naturais, culturais e sociais de um povo.

Marcos Reigota

Este estudo sobre as famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos possibilitou identificar o conjunto de processos de resiliência em famílias que vivem situações de risco. Foram ainda apontados os indicadores de proteção, ou seja, os mecanismos que interferem no sentido de amenizar o sofrimento e as adversidades. Estes se configuram como importantes potencializadores dos processos de superação das dificuldades experienciadas por estes grupos familiares.

Conforme exposto nos capítulos desta dissertação, as três famílias foram convidadas e aceitaram amavelmente participar da pesquisa. Tinham como características comuns a liderança da figura feminina, a presença de filhos ou netos crianças ou adolescentes, além de exercerem a profissão de catadoras para garantia do sustento. Cabe ressaltar que a liderança feminina não foi um critério de participação das famílias na pesquisa, e que esse fato ocorreu ocasionalmente, devido à dificuldade (debatida no capítulo sobre o método) em encontrar famílias que se disponibilizassem a participar de um estudo qualitativo.

Os relatos das famílias entrevistadas demonstraram que a profissão de catadora surgiu para os grupos familiares como uma alternativa de superação de situações de desemprego que em determinado momento de suas vidas se constituíram em risco e poderiam significar a exclusão social destas pessoas. No entanto, apesar das inúmeras dificuldades referidas, as líderes destes ambientes familiares tiveram força e muita responsabilidade denotando comprometimento e amor por suas famílias. Na situação de desemprego foi no núcleo familiar que elas encontraram coragem para o enfrentamento da situação. Dessa forma, buscaram com olhar positivo e esperançoso, na profissão de catadoras, uma possibilidade de trabalhar com honestidade e dignidade pela sobrevivência de suas famílias, o que fez da profissão de catadora, uma luz em meio à crise.

Os resultados desse estudo evidenciaram que as dificuldades de inserção no mercado de trabalho pelas líderes das famílias entrevistadas estão relacionadas a fatores como a baixa escolaridade, a condição social (falta de oportunidades e de apoio), e as limitações na disponibilidade de tempo típica da condição feminina moderna. Esta limitação está relacionada aos vários papéis que são atribuídos às responsáveis por estes contextos familiares, como o cuidado e proteção dos membros que integram o grupo familiar, a realização das tarefas domésticas e a busca pelo sustento da família, o que sobrecarrega a figura feminina, que pouco pode contar com a rede de serviços das políticas públicas em prol das mulheres, como creches e serviços de proteção à infância. Para honrar suas responsabilidades, essas mulheres encontraram na profissão de catadora a alternativa para conseguir garantir sustento do grupo familiar, pois conseguem trabalhar com flexibilidade suficiente para cuidar da família. Em duas das famílias estudadas, as crianças acompanham e ajudam as responsáveis na realização do trabalho, e ao contrário da ideia inicial da pesquisa, as líderes destes grupos familiares percebem a atividade como uma possibilidade de proteção e de união familiar. Para as crianças, o sentido atribuído ao trabalho na rua é a possibilidade de passear e de brincar.

Com relação à questão do emprego e renda fica claro que as três mulheres líderes das famílias pesquisadas começaram a trabalhar desde a infância ou adolescência, - o que também é freqüente em populações de baixa renda (SARTI, 1996). Ao longo de suas trajetórias de vida estas mulheres tentaram diferentes serviços na expectativa de conseguir um emprego estável.

Entre as situações de risco identificadas nas falas das três famílias entrevistadas estão o desemprego, a pobreza, a ineficiência das políticas públicas de proteção à saúde e de segurança, a ausência de direitos trabalhistas e a falta de programas sociais de apoio aos catadores e às suas famílias. Além disso, no que tange ao exercício da profissão de catador foram citadas como condições de risco: as possibilidades de atropelamento, contaminação por substâncias tóxicas, corte com caco de vidro e contato com material hospitalar, o que inclui as crianças e adolescentes que auxiliam nas coletas de suas mães. De acordo com os relatos percebe-se que as principais dificuldades encontradas na realização do trabalho de catador estão relacionadas ao baixo preço dos resíduos sólidos e à competitividade gerada pelo aumento do número de catadores. As mulheres catadoras entrevistadas denotaram consciência e clareza das relações de exploração no processo de reciclagem, o que gera sentimentos de descontentamento, devido à desvalorização do seu trabalho.

Embora fiquem reconhecidas as dificuldades enfrentadas por estas famílias e as possíveis condições de risco que cercam o cotidiano destes grupos, as falas das entrevistadas demonstram que existem indicadores de proteção que atuam nestes contextos familiares em prol da superação das adversidades. Dentre eles foram identificados: os atributos individuais, como a orientação social positiva e autonomia; a rede social, que desempenha uma influência positiva na promoção do desenvolvimento do grupo familiar; e a coesão familiar, pois se percebe que existe valorização e união entre os membros das famílias investigadas.

A partir das entrevistas e da inserção no ambiente natural das famílias foram evidenciados os processos de resiliência consoantes com o modelo de Walsh, pois diante das situações de crise os grupos familiares buscam diferentes estratégias para superá-las, atribuindo sentidos e significados de transcendência positiva a esses acontecimentos. Para melhor compreender essa dinâmica será realizada uma relação entre os resultados desta e os processos-chaves de Walsh (2005 - b) em diálogo com a abordagem bioecológica de Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998). A análise dos relatos as categorias e subcategorias declararam a presença dos três processos-chaves do modelo: os padrões de organização, o sistema de crenças e os processos de comunicação. Entre os padrões organizacionais dos microssistemas familiares se destacaram: os recursos sociais e econômicos, pois a rede de apoio social (mesossistemas e exossistemas) resultado do entrelaçamento entre os diferentes contextos ecológicos, exerce influência positiva na promoção do desenvolvimento dessas famílias. A rede é constituída pela família ampliada, vizinhos, amigos, comunidades religiosas, escolas, serviços de saúde e de apoio social. ; e também foi evidenciada a presença da flexibilidade nestes contextos, pois existiu a necessidade dessas mulheres organizarem e adaptarem suas vidas a uma atividade de trabalho e renda que permitisse que elas continuassem cuidando do grupo familiar. Já com relação ao sistema de crenças nas famílias estudadas, existe uma valorização do estudo na expectativa de um futuro melhor para as crianças e adolescentes, o que reitera resultados já obtidos em outros estudos sobre resiliência familiar em grupos pobres no Brasil (GARCIA, 2007; YUNES, 2001; YUNES & SZYMANSKI, 2006) as responsáveis por estes contextos apresentam iniciativa e perseverança diante das crises; a valorização familiar tem importância fundamental nestes contextos, pois diante das adversidades foi na própria família que os membros encontraram força e encorajamento para ultrapassá-las, a partir do cultivo de valores como a união; e também se destacou a doutrina religiosa, pois a fé se apresenta como importante recurso espiritual no fortalecimento dessas famílias. Com relação aos processos de comunicação, fica notória a relação dialógica e com base em pressupostos enfatizados por

Bronfenbrenner (1996): reciprocidade, afeto e equilíbrio de poder. De acordo com os relatos, as informações e os sentimentos são compartilhados e esclarecidos junto aos integrantes desses grupos.

Ao longo do estudo foram identificados diferentes aspectos positivos apontados pelas mulheres responsáveis pelas famílias estudadas sobre a profissão de catador, entre eles destaca-se: o desprendimento e a despreocupação com o olhar das outras pessoas sobre a realização do trabalho de catadora, demonstrando profissionalismo e comprometimento com o cuidado do seu grupo familiar; a percepção de si mesma como parte integrante da natureza e o reconhecimento da importância do seu trabalho para o ambiente.

Diante das experiências vivenciadas nesta investigação, cabe ressaltar a importância da utilização da Metodologia “Inserção Ecológica” (CECCONELLO & KOLLER, 2003; PRATI *et al.*, 2008) no estudo sobre resiliência familiar, pois a partir dela os pesquisadores puderam estar mais atentos aos processos que ocorreram ao longo do tempo no ambiente natural de cada família. Foi possível percebê-las como um sistema aberto e dinâmico em relação com os outros contextos ecológicos do ecossistema vital. Além disso, foram construídos processos proximais (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998), ou seja, relações que vão se tornando ao longo do tempo recíprocas e duradouras, tornando-se verdadeiros laços de amizade, de confiança e de desenvolvimento.

Nesta perspectiva, a Educação Ambiental é um campo de conhecimentos que pode e deve gerar conhecimentos para subsidiar políticas públicas que valorizem os direitos e auxiliem a promover qualidade de vida digna para estas populações

Diante de tais considerações, cabe destacar algumas sugestões para a Educação Ambiental de Famílias, ou seja, a formulação de novos programas que incluam as famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos como grupos prioritários, na busca por apoio social, psicoeducacional e por formulação de novas políticas públicas que tragam possibilidades de uma melhor qualidade de vida a esses grupos. As sugestões são as seguintes:

- Rever as políticas públicas voltadas para os profissionais que têm como fonte de renda o trabalho de catador de resíduos sólidos urbanos.
- Elaborar novas políticas públicas que atendam as necessidades e prioridades desses grupos familiares respeitando os direitos dessa classe de trabalhadores.
- Realizar em conjunto com a rede social do Município a formação continuada dos atores sociais que atuam direta ou indiretamente com essas famílias, buscando que esses profissionais compreendam os processos de resiliência existente nestes grupos familiares, percebendo-os com um olhar mais respeitoso e positivo.

- Buscar a construção de Programas de Educação Familiar, que contribuam para o fortalecimento e valorização das famílias que têm como fonte de renda o trabalho de catador de resíduos sólidos urbanos.
- Realizar programas de dimensão sócioeducativa sobre o lixo nos ambientes escolares, para que a escola seja mais um espaço de reflexão sobre a importância da atividade da reciclagem. Levar para as escolas a compreensão da verdadeira realidade socioambiental que envolve a questão do lixo, valorizando o papel ambiental das famílias que têm como fonte renda a profissão de catador de resíduos sólidos urbanos.

Dessa forma, com a Educação Ambiental, pode-se construir uma nova cultura no e para o ambiente familiar de catadores. Este trabalho demonstrou que estas famílias podem nos ensinar muito sobre equilíbrio ecológico aliado a valores de solidariedade, fraternidade e igualdade entre os seres humanos. Muitas destas famílias têm sido a base que o mundo necessita para uma sociedade mais justa, ecologicamente sustentável e ambientalmente saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. de F. *Do Lixo à Cidadania: estratégias para a ação*. Brasília, Caixa/UNICEF, 2001.

ACSERALD, H. Justiça ambiental. In FERRARO-JR, L.A. (Org.); *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivo Educadores* – Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

ALMEIDA, M. da C. de. *Mapa Inacabado da complexidade*. In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas; Galeno, Alex (orgs.). *Geografia, Ciência do Complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ARAÚJO, C. H. Migrações e vida nas ruas. In: BURSZTYN, Marcel (org.) *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 88-120, 2003.

AUTORES CÉLEBRES. CORA CORALINA. Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br/AutoresCelebres/CoraCoralina/coracoralina.html>>. Acesso em: 30/01/2011.

BOFF, L. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*, São Paulo, Ática, 1996.

BRASIL. Decreto lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007. *Dispões sobre as diretrizes nacionais para o saneamento básico e para a política federal de saneamento básico*. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/lei/111445.htm> Acesso em: 04/12/2009.

BRASIL. PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA. *Manual do Promotor. Programa "Lixo e Cidadania"*, Brasília, 1999.

BRONFENBRENNER, U. & MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). *Handbook of child psychology*, Vol. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, p. 993-1028, 1998.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (Tradução VERONESE, M. A. V.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Original publicado em 1979).

BRONFENBRENNER, U. Ecology of the family a context for human development: Research perspectives. *Development Psychology*, 32 (6), p.723-742, 1986.

CAPRA, F. *A Teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CASSOL, L. & DE ANTONI, C. Família e abrigo como rede de apoio social e afetiva. In: Débora Dalbosco Dell'Aglio; Sílvia Helena Koller; Maria Angela Mattar Yunes. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, v. 1, p. 173 -201, 2006.

CAVALCANTI, S. & FRANCO, M. F. A. *Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu*. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. VI, p. 211-231, 2007.

CECCONELLO, A. M. & KOLLER S. H. M. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. Psicologia Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v.16, n.3, 2003.

CHARMAZ, K. *Constructing grounded-theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage, 2006.

COWAN, P. A.; COWAN, P. C. & SCHULZ, M. S. Thinking about risk and resilience in families. In: HETHERINGTON, E. M. & BLEACHMAN, E. A. (orgs.). *Stress, coping and resiliency in children and families*. Nova Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, pp. 1-38, 1996.

CYRULNIK, B. *Autobiografia de um espantalho: Histórias de resiliência: o retorno à vida*; tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DE ANTONI, C.; BARONE, L. & KOLLER, S.H. Violência e pobreza: um estudo sobre vulnerabilidade e resiliência familiar. In: Débora Dalbosco Dell'Aglio; Sílvia Helena Koller; Maria Angela Mattar Yunes. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, v. 1, p. 141-171, 2006.

DE ANTONI, C., YUNES, M. A., HABIGZANG, L. F., & KOLLER, S. H. *Intervenção com cuidadores de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual*. Projeto de Pesquisa Não-Publicado. CEP-RUA, Novo Hamburgo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível em
<<http://www.abinee.org.br/informac/arquivos/lei12305.pdf>>. Acesso em: 25/01/2011.

DICIONÁRIO ON-LINE DE PORTUGUÊS. Disponível em
<<http://www.dicio.com.br/resiliencia/>>. Acesso em: 10/10/2009.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio: o Dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 4ª Ed, 2009.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio: o Dicionário do Século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, N. M. *Educação nas famílias de pescadores artesanais: transmissão geracional e processos de resiliência*. Dissertação de mestrado em Educação Ambiental não publicada apresentada na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/ RS, março de 2007.

GARCIA, N. M. & YUNES, M. A. M. Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade. In: Débora Dalbosco Dell'Aglio; Sílvia Helena Koller; Maria Angela Mattar Yunes. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, v. 1, p. 117 - 140, 2006.

GONÇALVES, M. A. *O trabalho no lixo*. Presidente Prudente (UNESP). Tese de doutorado, 2006.

GONÇALVES, R. C. M. *A voz dos catadores de lixo em sua luta pela sobrevivência*. 134 f. (Tese Mestrado em Políticas Públicas). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

GONÇALVES, R. S. *Catadores de materiais recicláveis: estudo de suas trajetórias de vida, trabalho e saúde*. Projeto de dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES, M.. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papyrus, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. *A Dimensão Ambiental na Educação*, Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico, Campinas, Papyrus, p. 107, 1995.

IBGE. Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil, 2009. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf>.

Acesso em: 25/01/2011.

JOIA, P. R., & SILVA, M. do S. F. Situação sócio-econômica dos catadores de materiais recicláveis na cidade de Aquidauana – MS. *Terra@Plural*, v.2, p- 25-39, 2008.

JUNQUEIRA, M. F. P. S. & DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (1), 227-235, 2003.

LIBÓRIO, R. M. C. ; CASTRO, B. M. & COELHO, A. E. L. Desafios Metodológicos para a Pesquisa em Resiliência: Conceitos e Reflexões Críticas. In: Débora Dalbosco Dell'Aglio; Sílvia Helena Koller; Maria Angela Mattar Yunes. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, v. 1, p. 89-115, 2006.

LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. Versão on-line do CD-ROM Longman Dictionary of Contemporary English. Disponível em <<http://www.ldoceonline.com/dictionary/resilience>>. Acesso em: 28/11/2009.

LOUREIRO, C. F. B.. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. In: *Ambiente & Educação – Revista de Educação Ambiental da FURG*, v.8, Rio Grande: Editora da FURG, 2003.

MCGOLDRICK, M., GERSON, R. & SHELLENBERGER, S. *Genograms: assessment and intervention*. 2. Ed. New York; London: W.W. Norton & Company, 1999.

MARTINEAU, S. *Rewriting resilience: A critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to "kids at risk"*, Tese de doutorado não-publicada apresentada na University of British Columbia, Vancouver, Canada, 1999.

MASTEN, Ann. S. Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist*, v. 56, n.3, 227-238, 2001.

MASTEN, A. S. & GARMEZY, N. Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In: B.B. Lahey & A. E. Kazdin, *Advances in clinical child psychology*, (pp.1-52). New York: Plenum Press, v. 8, 1985.

MEDEIROS, L. F. R. & MACEDO, K. B. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 3(2), 72-94, 2007.

MEDEIROS, L. F. R. & MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicologia & Sociedade*, 18 (2), 62-71, 2006.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Ed. Hucitec, 9ª edição, 2006.

MIURA, P. C. O. *Tornar-se catador: uma análise psicossocial*. Dissertação de mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia Social, orientadora Dra. Bader Sawaia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, 2004.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS. História do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis; Bases de acordo do MNCR; O que é o movimento?; Carta de Bogotá 2008 e; Carta de Apresentação do PL de Resíduos Sólidos do Ministério do Meio Ambiente (Carta da Ex- Ministra do Meio Ambiente Marina Silva). Disponível em: < <http://www.mnccr.org.br/>>. Acesso em: 15/11/2009.

NARVAZ, M. G. & KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, Silvia H. (org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NARVAZ, M. G. *Do caos à criação: Uma experiência com grupos de famílias chefiadas por mulheres*. Trabalho apresentado na Jornada do Serviço de Atendimento Familiar do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, Porto Alegre, R.S., 2000.

ODUM, H.T. ; ODUM E.C.; BROWN, M.T.; LAHART,D.; BERSOK, C.; SENDZIMIR,J.; SCOTT, G.B.; SCIENCEMAN, D. & MEITH, N. *Sistemas ambientais e políticas públicas*. Trad. Enrique Ortega et al. Gainesville: Universidade da Flórida, 1987. Disponível em <<http://www.unicamp.br/fea/ortega/eco/index.htm>>. Acesso em: 15/09/2009.

OLIVEIRA, M. M. *Lixo e representações sociais: um estudo com catadores de materiais recicláveis do município de Viçosa/MG*. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2007.

PARA LER E PENSAR. ANTOINE DE SAINT- EXUPÉRY. Disponível em: <<http://www.paralerepensar.com.br/exupery.htm>>. Acesso em: 25/01/2011.

PALUDO S. & KOLLER S. H. Psicologia Positiva, Emoções e Resiliência. In: Débora Dalbosco Dell'Aglio; Sílvia Helena Koller; Maria Angela Mattar Yunes. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, v. 1, p. 69-86, 2006.

PELISSER, S. *Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis: um estudo sobre a precarização e a organização do trabalho em Foz do Iguaçu/PR (1990- 2009)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2010.

PESCE, R. P., ASSIS, S. G., SANTOS, N., & OLIVEIRA, R. V. C. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), p. 135-143, 2004.

PINHEIRO, D.P.N. A Resiliência em Discussão. *Revista Psicologia em Estudo*, 9, p. 67-75, 2004.

POLETTO, M. & KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, p. 405-416, 2008.

PRATI, L, COUTO, M^a C; MOURA, A; POLETTO, M. & KOLLER, S. Revisando a Inserção Ecológica: Uma proposta de Sistematização, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, vol.21, nº13, p. 160-169, 2008.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. 2. Ed. Revista e ampliada - São Paulo: Brasiliensis, 2009.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRIGO, M. J.; MÁIQUEZ, M. L.; BYRNE, S.; RODRÍGUEZ, B.; RODRÍGUEZ, G. & PÉREZ, L. *Crece felices en familia: Um programa de apoio psicoeducativo para promover el desarrollo infantil*. Canarias, Espanha: Dirección General de Acción Social, Consejería de Sanidad y Bienestar Social, Junta de Castilla y León, 2008.

ROMANSINI, S. O catador de resíduos sólidos recicláveis no contexto da sociedade moderna, 2005. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000026/000026D7.pdf>> Acesso em: 31/01/2011.

RUTTER, M. Resilience: some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health*, n.14, p. 626 – 631, 1993.

RUTTER, M. Psychosocial Resilience and Protective Mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, n.57, p. 316-331, 1987.

RUTTER, M. Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, n. 147, p. 598-611, 1985.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

STRAUSS, A. & CORBIN, J. *Basics of qualitative research: grounded – theory procedures and techniques*. London: Sage, 1990.

SZYMANSKI, H. *Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa*. In: Revista Psicologia da Educação, n.11/12, p.193-215, 2001.

SZYMANSKI, H. Teoria e “teorias de famílias”. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/ Cortez, 1995.

WALSH, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family Process*, 42 (1), 1-18. Spanish translation, Published in Journal: *Sistemas Familiares*, Buenos Aires, 2005-a.

WALSH, F. *Fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo (SP): Roca; 2005 - b.

WERNER, E. E. & SMITH, R. S. *Overcoming the Odds: High-risk children from birth to adulthood*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1992.

WERNER E. E. & SMITH, R. S. *Vulnerable but invincible: a longitudinal study of resilient children and youth*. New York: McGraw-Hill, 1982.

YUNES, M. A. M. *Panorama Conceitual dos Discursos sobre Resiliência: Implicações para a Educação*. In: II SIPASE Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação: Motivação em Diferentes Cenários, Porto Alegre, 2009.

YUNES, M. A. M.; GARCIA, N. M. & ALBUQUERQUE, B. M. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia Reflexão e Crítica*, vol.20, no.3, p.444-453, 2007.

YUNES, M. A. M. Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no indivíduo e na família. In: Débora Dalbosco Dell'Aglio; Sílvia Helena Koller; Maria Angela Mattar Yunes. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, v. 1, p. 45-68, 2006.

YUNES, M. A. M. & SZYMANSKI, H. O estudo de uma família que supera as adversidades da pobreza: Um caso de resiliência em família. *Psicodebate: Psicologia, Cultura y Sociedad*, 7, 119-139, 2006.

YUNES, M. A. M. & SZYMANSKI, H. *Entrevista reflexiva & grounded-theory: estratégias metodológicas para compreensão da resiliência em famílias*. *Interamerican Journal of Psychology*, v. 39, n. 3, p. 431-438, 2005.

YUNES, M. A. M. & SZYMANSKI, H. *Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas*. In: Tavares J, organizador. *Resiliência e educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, p. 13-42, 2001.

YUNES, M. A. M. *A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

ZACARIAS, I. R. & BAVARESCO, C. S. Conhecendo a realidade dos catadores de materiais recicláveis da vila Dique frente ao desamparo das políticas de previdência e assistência social ao adoecer. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 8, p. 293-305, 2009.

ZANETI, I. C. B. B. *Educação Ambiental-A luz do sistema de gestão dos resíduos sólidos e sustentabilidade*. In: III Seminário da ANPPAS, BRASÍLIA. III SEMINARIO ANPPAS, 2006.

ANEXO I

Universidade Federal do Rio Grande
Pós-Graduação em Educação Ambiental
Centro de Estudos Psicológicos Sobre Meninos e Meninas de Rua
CEP-RUA FURG
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Presente termo vem solicitar sua colaboração através da participação no Projeto de pesquisa intitulado “**Famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos na perspectiva da educação ambiental: condições de risco e processos de resiliência**”. Esse estudo será realizado a partir de entrevistas que levam a reflexão sobre a realidade vivenciada pelas famílias de catadores de resíduos sólidos urbanos, sobre as adversidades e os riscos que envolvem esta profissão. Além disso, a partir do diálogo realizado também serão reforçados os pontos positivos que possibilitam a superação e o crescimento pessoal diante das dificuldades, dando ênfase aos aspectos de proteção que influenciam o desenvolvimento dessas famílias. Assim, possivelmente esse estudo poderá contribuir para o fortalecimento dos participantes envolvidos, bem como para a busca de uma melhor qualidade de vida para as famílias que tem como fonte de renda a profissão de catador, a partir da construção de estratégias de intervenção que levem em consideração as prioridades e necessidades dos envolvidos na pesquisa. Este projeto será desenvolvido pela equipe de acadêmicos, do Núcleo de Estudos e Atenção às Famílias (NEAF/ FURG), sob a coordenação da Mestranda em Educação Ambiental Priscila Freitas Chaves e orientado pela Professora Doutora Maria Ângela Mattar Yunes. É importante esclarecer que todas as informações obtidas nas entrevistas são anônimas. No relatório dos resultados de pesquisa, os participantes serão identificados por nomes fictícios e todas as informações que possam levar a identificação serão omitidas. No final do trabalho, uma cópia dos resultados obtidos, será encaminhada para o conhecimento dos participantes.

Tendo certeza de vossa colaboração, agradecemos.

Atenciosamente

Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Mattar Yunes

Eu me comprometo a utilizar as informações para fins acadêmicos e a não divulgar sua identidade

Mestranda Priscila Freitas Chaves

Eu aceito colaborar com a realização da pesquisa de livre e espontânea vontade

Consentimento do representante da família participante da pesquisa

Em caso de dúvida entrar em contato:

Maria Angela Mattar Yunes

Universidade Federal do Rio Grande

Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua

Telefone: 3233-6896

Endereço: Av. Itália Km 8, Campus Carreiros, Rio Grande/ RS.

ANEXO II

Entrevista semi-estruturada para famílias de catadores de resíduos sólidos

Configuração Familiar

Nome	Parentesco	Idade	Sexo	Escolaridade Frequenta escola/turno	Trabalho/Pro fissão/turno	Saúde Tratamen to	Religião

ESTUDO E TRABALHO:

Qual a tua escolaridade? Se parou de estudar, me conta porque?

O que significa estudar pra vocês?

Como foi a experiência na escola? Falem-me sobre isso...

Quando, com que idade vocês começaram a trabalhar? Que tipos de trabalho já fizeram?

Todos os responsáveis pela família trabalham como catadores?

O que levou vocês a trabalharem como catadores?

Quais as principais dificuldades que vocês enfrentam na realização desta atividade?

O que vocês pensam sobre os riscos deste trabalho para a sua família?

Vocês utilizam algum equipamento de proteção? Qual? Se não utilizam, porque não?

Como vocês percebem o trabalho de catador? Como se sentem ao realizá-lo?

Como vocês acreditam que as outras pessoas percebem esta atividade?

Na sua visão, qual a importância que o trabalho de catador tem para o meio ambiente? (Visão holística, questão social articulada à questão ambiental).

Em que situações vocês utilizam o material que vocês recuperam?

Na percepção de vocês existe ajuda dos serviços de apoio social para os trabalhadores da reciclagem e catadores?

Quais os serviços de saúde ou social do Município que você utiliza frequentemente? E dentro do bairro existem estes serviços? Quais e como são?

Qual o papel da religião nas suas vidas?

Existe algum benefício do governo que você utiliza? E com relação à profissão, existem direitos e ações que te apóiam?

SOBRE A VIDA E O COTIDIANO FAMILIAR:

Há quanto tempo moram neste bairro? Onde moravam antes?

Como é a relação da família com as pessoas do bairro, vizinhos?

Quem cuida dos filhos e auxilia na organização da casa, tendo em vista a rotina de trabalho?

Diante das dificuldades (no trabalho e nas relações familiares) enfrentadas a quem vocês pedem ajuda?

Qual o papel dos filhos na realização da sua atividade de trabalho? Se participam, como e quando?

Contem-me uma situação difícil que aconteceu com a família e que esteja relacionada à realização deste trabalho? Como vocês (enquanto família) se organizaram, e se relacionaram para enfrentar as dificuldades?

Contem-me sobre algo bom que aconteceu relacionada à realização deste trabalho? Como vocês perceberam, sentiram, reagiram à essa experiência?

Nos finais de semana ou feriados o que vocês fazem geralmente?

Diante das dificuldades enfrentadas na vida cotidiana o que é mais importante - o que tem muito valor pra vocês - na vida da família hoje?

O que vocês esperam para o futuro dos seus filhos?